

Aziz Ab'Sáber

organização

Leitu  
ras

SB  
PC

Indis  
pensá  
veis 3

LEITURAS INDISPENSÁVEIS 3

Aziz Ab'Sáber (org.)

SBPC

*Leituras Indispensáveis 3* é o terceiro volume de uma série de livros que certamente continuariam sendo organizados pelo humanista que nos deixou em 16 de março de 2012, mas que permanece vivo por meio de suas palavras ainda ouvidas nas páginas de toda sua obra escrita e nos ecos de suas aulas, de suas palestras, de suas conversas.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que teve a felicidade de ter o Professor Aziz Ab'Sáber como seu Presidente de 1993-1995 e, desde esta data, como Conselheiro e Presidente de Honra e membro de várias comissões da sociedade, sente-se honrada em remeter, por meio desta obra, suas últimas mensagens "às pessoas e personalidades mais sensíveis".

Os volumes 1 e 2 foram publicados pela Ateliê Editorial que cedeu gentilmente à SBPC os direitos para que o projeto gráfico deste volume, que ora apresentamos, fosse igual aos demais, satisfazendo assim o desejo do autor.

Nos dois primeiros volumes, a preocupação em sensibilizar os leitores com problemas sócio ambientais ficou refletida na escolha de vinte e um autores e textos para transmitir os ensinamentos pretendidos. Em *Leituras Indispensáveis* publicado em 2008, o leitor pode saborear as ideias de Washington Novaes, Mário de Andrade, Milton Sabbag Jr., Ivo Stoniolo, Garret Eckbo, Raimundo Moraes, Luís Flores de Moraes Rego e as palavras do Professor Aziz na introdução. Em *Leituras Indispensáveis 2*, de 2010, a reflexão sobre a nossa sociedade se deu por meio de alguns textos inéditos e outros de acesso mais difícil, acerca de aspectos da nossa civilização, escritos por Manfred Nitsch, Francisco de Oliveira, Jamil Almansur Haddad, Wilson Cano, José de Souza Martins, Mauro Leonel, Plínio de Arruda Sampaio, Washington Novaes, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, Cidoca da Silva Velho, André Cailleux & Jean Tricart e do próprio Professor Aziz.

Neste derradeiro volume, Ab'Sáber agraciou os leitores com dezessete textos e um mapa, por meio dos quais poderão entrar em contato com documentos de rara beleza sobre temas voltados às questões de ocupação do território nacional que tangem nossa sociedade. São apresentadas contribuições valiosas de Cândido Mariano da Silva Rondon, Luís Agassiz & Elizabeth Cary

Agassiz, Auguste de Saint-Hilaire, João Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Pasquale Petrone, Caio Prado Jr., Teodoro Sampaio, José Veríssimo da Costa Pereira, Franz Boas, Florestan Fernandes, Pe. José de Anchieta, Clovis Moura, Ingrid Gladster, Samuel Murgel Branco & Fábio Cardinale Branco, Beatriz Célia C. de Mello Petey, além das sínteses biográficas de Adib Jatene e José Veríssimo da Costa Pereira.

Os comentários sobre os textos foram escritos por Aziz Ab'Sáber que junto com o original de cada autor, os levava à SBPC nas tardes dos meses iniciais de 2012, quando então orientava Nicinha (Eunice Maria Fernandes Personini, secretária da Diretoria da SBPC) como os textos deveriam ser editados. Seus manuscritos foram transpostos exatamente como apresentados e os textos mantidos com as configurações originais.

*Leituras indispensáveis 3* é uma despedida e, ao mesmo tempo, um presente do Professor Aziz Ab'Sáber para os jovens, pois seu valor está no conteúdo dos textos que demonstram a dedicação deste cientista à ciência e educação do Brasil.

Rute Maria Gonçalves de Andrade  
Secretária Geral da SBPC

*Aziz Nacib Ab'Sáber "in memoriam" (USP - SBPC - ABC) - Nascido "num entremeio de um mar de morros", como ele mesmo dizia, Geógrafo laureado com as mais altas honrarias científicas - em geografia física, arqueologia, geologia e ecologia - pesquisou todo o território e ecossistemas brasileiros e foi um dos maiores especialistas em questões ambientais, nacional e internacionalmente (re)conhecido e premiado. Professor emérito da USP, Professor honorário do Instituto de Estudos Avançados (IEA) e de muitas outras instituições, Presidente de Honra da SBPC e Membro da ABC. Atuou e colaborou com diversas instituições de ensino e pesquisa. Como poucos andou por todo o país observando as paisagens, as pessoas e o modo de vida. Participou ativamente de debates públicos, opinando sobre os dilemas da biodiversidade e da preservação ambiental.*

*Aziz Ab'Sáber (org.)*

# Leituras Indispensáveis 3

Apoio

Ministério da  
**Ciência, Tecnologia  
e Inovação**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

São Paulo  
SBPC, 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

L533 Leituras Indispensáveis 3 / Aziz Ab'Sáber, organizador.  
São Paulo : SBPC, 2013.  
104 p. : il.; 16 x 23 cm.

Vários autores.  
Bibliografia  
ISBN: 978-85-86957-19-2

1. Textos – Coletâneas. 2. Escritos brasileiros - Coletâneas. I.  
Ab'Sáber, Aziz. I. Título.

08-10286

CDD-869.98

---

Índices para o catálogo sistemático:

1. Textos – Coletâneas: Literatura brasileira 869.98
2. Escritos brasileiros – Coletâneas: Literatura brasileira 869.98

Publicado pela  
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC  
Rua Maria Antonia, 294 - 4º andar Vila Buarque 01222-010 São Paulo SP  
Telefone: 11-3259.2766 www.sbpnet.org.br

Apoio  
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária  
Maria José de Jesus Carvalho - CRB-8/5317

O e-book está registrado com ISBN nº 978-85-86957-23-9 e disponível em:  
<http://www.sbpnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/leituras-Indispensaveis-3.pdf>

## Apresentação

Aziz Ab'Sáber, além de um dos geógrafos mais respeitados do Brasil e pesquisador reconhecido internacionalmente, foi um verdadeiro humanista, sempre disponível a todos, principalmente aos mais novos e iniciantes na carreira científica. Com sua ética ímpar, era capaz de aproximar os jovens da ciência e da educação. Grande amigo e batalhador, sempre lutou por seus valores e pelo que acreditava ser o melhor para o país.

Em sua trajetória, sempre teve destacada atuação política em defesa da ciência e da educação. Foi presidente da SBPC de 1993 a 1995, conselheiro da entidade desde então até sua morte e para sempre um de seus Presidentes de Honra. Como cientista, era considerado o maior geomorfologista brasileiro em decorrência de suas pesquisas e publicações de estudos fundamentais nas áreas de ecologia, biologia evolutiva, fitogeografia, geologia, arqueologia e geografia. Sem dúvida, foi um grande divulgador e propagador do conhecimento. E é esta qualidade sua que pode ser observada em sua obra da série *Leituras indispensáveis*, cujo terceiro volume a SBPC tem a honra e o orgulho de publicar.

Em seus últimos anos de vida, Ab'Sáber mantinha-se como um grande entusiasta, costumava ir à sede da SBPC praticamente todas as semanas, e apesar de aposentado, nunca deixou de se manter em plena atividade acadêmica e intelectual; dedicando-se a causas da máxima importância para a humanidade e atento às necessidades da política científica brasileira. Nos últimos anos, lutou, por exemplo, para que fossem ouvidas suas sérias críticas à proposta de reforma do Código Florestal, que, em sua visão, não levava em consideração o zoneamento físico e ecológico do Brasil.

Neste livro, Aziz organizou, entre outros temas, um conjunto de textos dos primeiros geógrafos brasileiros que desvendaram a paisagem física e social do interior do país. Textos estes por ele considerados como fundamentais para a formação de jovens cidadãos. Era seu desejo que este terceiro volume fosse lançado durante a 64ª Reunião Anual da SBPC, realizada em julho de 2012 em São Luís. Infelizmente, não deu tempo, pois ele faleceu em 16 de março daquele ano. Por isso, a SBPC tomou a cargo esta tarefa, publicando *Leituras indispensáveis* como uma homenagem a este grande brasileiro, que foi um dos maiores cientistas do país. Cientista, humanista e amigo que já faz muita falta ao Brasil e a todos nós, mas que deixa como legado extensa obra, na qual se inclui esta sua última publicação. Boa leitura.

Helena B. Nader  
Presidente da SBPC

## Sumário

Apresentação	5
Sumário	7
Mensagem do General Cândido Rondon à Associação dos Geógrafos Brasileiros <i>Cândido Mariano da Silva Rondon</i>	9
Viagem ao Brasil (1865-1866) <i>Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz</i>	17
Viagem à Província de São Paulo Descrição da Cidade de São Paulo <i>Auguste de Saint-Hilarie</i>	25
O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro <i>J. Capistrano de Abreu</i>	29
O roteiro de vida de Adib Jatene	33
A República de 89 e o Desafio do Trópico à Civilização Brasileira <i>Gilberto Freyre</i>	37
Prof. José Veríssimo da Costa Pereira (1904-1955) <i>Boletim Paulista de Geografia - AGB/SP</i>	43

As Feiras Regionais <i>Pasquale Petrone</i>	47
A Cidade de São Paulo <i>Caio Prado Jr.</i>	51
Viagem à Serra da Mantiqueira Campos do Jordão e São Francisco dos Campos <i>Dr. Teodoro Sampaio</i>	55
O Legado de Delgado de Carvalho para a Geografia do Brasil [Fragmento] <i>José Veríssimo da Costa Pereira</i>	59
Alguns Problemas de Metodologia nas Ciências Sociais (1930) <i>Franz Boas</i>	63
Ensaio sobre o Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia [Fragmento] <i>Florestan Fernandes</i>	67
Observações sobre o Clima de Piratininga/São Vicente, nas Cartas de José de Anchieta <i>Pe. José de Anchieta</i>	73
Euclides da Cunha (1866-1909) <i>Clovis Moura</i>	77
El Poder Precario de la Literatura: las Moscas de Sartre en 1943 <i>Ingrid Gladster</i>	87
O Papel das Placas Tectônicas na Origem dos Continentes [Fragmentos] <i>Samuel Murgel Branco e Fábio Cardinale Branco</i>	91
Setorização da Amazônia Brasileira (Grandes Células Espaciais - 1993) <i>Beatriz Célia C. de Mello Petey</i>	99

## **MENSAGEM DO GENERAL CÂNDIDO RONDON** **à Associação dos Geógrafos Brasileiros** *Cândido Mariano da Silva Rondon*

Tenho dedicado o final de minha vida à consolidação dos ideais eclodidos na mocidade e desenvolvidos, ampliados e tanto quanto possível realizados, na idade madura. Parto do ditame positivista de que o principal fundamento da felicidade é o dever de servir, servir amando e agindo dignamente.

Minha primeira aspiração para a prestação de serviços públicos foi a de vir a cobrir um dia todo o território do meu grande Estado natal por uma imensa rede de linhas telegráficas, ligando entre si os mais afastados povoados e integrando-os, pela comunicação direta do pensamento, às outras partes da comunidade brasileira. Acredito haver cumprido, dentro dos limites de minhas forças, essa grande aspiração. Em nenhum caso no Brasil o telégrafo aéreo sôbre fios atravessa tão vastas, tão desertas e tão ásperas regiões, como as do antigo Noroeste de Mato Grosso e Sul do Amazonas, ligando povoados mergulhados na Hiléia Amazonica (dependentes hoje do Território do Guaporé), às regiões mais ou menos campestres da Bacia do Prata, do sul dos Estados de Mato Grosso e de Goiás. Sem o procurar, sem mesmo presumir, creio haver batido o “record” das construções telegráficas realizadas no Brasil sob uma mesma chefia ou superintendência, entregando ou mandando entregar à Repartição dos Telégrafos secções de linhas telegráficas que perfazem o total de 7.350 km. de extensão.

Foi no afan das explorações e das construções de linhas telegráficas, que tive sucessivos contatos com tribos indígenas. Cedo radicou-se em meu espírito a convicção sobre a lógica e a eficácia da conduta aconselhada pelo grande patriarca José Bonifácio para os civilizados, vis-a-vis dos aborígenes. Devemos considerar que sendo filhos de terras americanas, sem ancestrais estrangeiros (pelo menos até onde alcança a investigação positiva), são êles autóctones e os legítimos proprietários das terras em que nasceram.

Honro-me de haver, com a minha conduta no trato dado aos meus patrícios das selvas, podido inspirar aos grandes brasileiros Presidente Nilo Peçanha e Ministro Rodolfo Miranda, a idéia da criação, como órgão nacional, do *Serviço de Proteção aos Índios*. O Brasil, que já tinha manifestado no seu estatuto básico constitucional o repúdio à conquista do patrimônio alheio — em suas relações internacionais, completava-o, assim, pela nobre iniciativa dos grandes brasileiros acima referidos, aplicando-o às relações internas, não apenas para o direito, já codificado, segundo normas adotadas por todos os povos civilizados mas, também, para o direito natural, atendendo a condição dos nascidos e a dos nascituros em terras virgens dentro dos limites materiais da Pátria, isto é, ligando o índio à terra e ligando a vida à cadeia, homogênea ante os nossos olhos, que se perspectiva para o infinito. Êste aspecto da paz e da fraternidade universal o Brasil o formulou, para o mundo, com integral originalidade.

Coube-me a honra de ser o instalador, em 1910 e o primeiro diretor, do Serviço de Proteção aos Índios.

Outros serviços, norteados também para os benefícios da paz, na América do Sul, reclamaram mais tarde a minha presença no estrangeiro e foi êsse o único período, desde que me fiz homem, em que deixei de dar assistência direta aos indígenas do Brasil. Felizmente, porém, o cumprimento exato do “Protocolo de Letícia” permitiu-me o gáudio de haver contribuindo eficazmente para evitar a guerra, então em próxima perspectiva, entre a Colômbia e o Perú.

Nos dias hodiernos, como Presidente do *Conselho Nacional de Proteção aos Índios*, cabe-me persuadir a política indigenista. Consiste ela, além do respeito à propriedade, à Família e ao culto dos aborígenes, — na aceitação pelos civilizados, da responsabilidade das culpas das usurpações feitas no passado contra os selvícolas e, portanto, na necessidade de se apresentarem com bondade e humildade perante os atuais e futuros habitantes das regiões selváticas.

O problema é longo e complexo. Muito se havia ganho, enquanto os recursos para os deslocamentos dos civilizados nos sertões eram os mesmos de que podiam dispor os aborígenes: viagens a pé, abrindo piques ou em canôas, sôbre rios inexplorados.

Agora, porém, ante os recursos sinérgicos do avião, os programas de ação têm de ser revistos com a colaboração de vários órgãos dos poderes públicos, pois que, se de um lado é muito mais fácil para os funcionários do S. P. I. visitarem aldeias, aproximarem-se de difíceis objetivos, por outro lado dos mesmos recursos servem-se turistas e elementos oficiais civis e militares, sem a devida preparação, e, por vêzes, sem obediência dos ditames preestabelecidos.

É fóra de dúvida, em todo o caso, que não se admitiria hoje como defensáveis as práticas de espoliação dos aborígenes que *estiveram* em voga quando da criação do S. P. I., com a participação de agenciadores egoistas os quais, invocando preceitos econômicos e patrióticos os mais diversos e errados, à semelhança do que fizeram outros comodistas desapiedados ao tempo da libertação dos escravos negros, teriam conseguido, se triunfassem, a destruição do mais alto galardão da glória humanística que enobrece o Brasil.

As comissões que dirigi tiveram sempre caráter aleatório. Os meus chefes de serviços e principais auxiliares eram, em geral, ou oficiais de tropa, reclamados continuamente pelos chefes militares, ou funcionários civis, desviados de suas funções mais ou menos burocráticas nas cidades e seus arredores e solicitados, a miúdo, pelos chefes respectivos. Isso não impediu que fossem adotados nos meus serviços programas ousados, de longo praso, para cujo cumprimento seria mister competência, coragem, constância, devotamento, etc.

Vem a pêlo dizer que a dificuldade de reunir tantas qualidades em cada técnico operador nunca constituiu para mim um verdadeiro embaraço. Sempre encontrei meios para despertar ainda maior vigor nas energias latentes que fazem, em geral, o apanágio do espírito dos bons brasileiros. Constituí a nossa etnia uma resultante feliz da combinação de várias raças e, no ambiente pródigo em que moureja, não está ela açulada por fatores cósmicos ou sociais que tenham exigido imperiosa providência ou o contínuo estado de alerta dos seus componentes, como acontece alhures.

Quando, porém, uma esclarecida compreensão se transforma em dever, o bom brasileiro sabe reavivar os grandes pendores de que é dotada em

geral a nossa gente e, então, surgem as capacidades para a execução das mais difíceis tarefas.

Tive a grande felicidade de poder escolher auxiliares predestinados, dignos e competentes. Apesar da minha insuficiência, a *Comissão Rondon* foi um viveiro de civismo. Uns aos outros, seus servidores se encorajavam, todos se respeitavam e ninguém queria parecer menos resistente, mais tímido, menos providente para a missão que lhe era apontada, nesse convívio em que a maior parte dos colaboradores se apresentava espontaneamente para os mais arriscados empreendimentos. As doenças eram ocultadas pelos que as sofriam, para que não surgissem vislumbres de fraquezas. Procurei seguir sempre, exemplificando pela conduta, as lições do meu saudoso Chefe e Mestre, o então Tte. Cel. Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que foi depois o grande herói da Lapa e ficou na memória de todos como um General impertérito da República.

Dizia Gomes Carneiro que o chefe deve sempre superar aos seus subordinados na capacidade de resistência como em quaisquer emergências que exijam sacrifícios.

Graças ao concurso de auxiliares entusiastas e verdadeiramente incansáveis, pude realizar surpreendentes descobertas para a Geografia e para as Ciências Naturais. Ficou incorporada ao patrimônio geográfico uma área de cerca de 200.000 kms<sup>2</sup>, até então virgem e com ela a representação gráfica e a descrição de grandes rios, novas serras e uma avultadíssima nomenclatura nova, o que acredito seja a maior contribuição geográfica brasileira resultante de um só empreendimento.

Os espécimens de história natural carreados para o Museu Nacional, de botânica, zoologia, geologia, mineralogia, fósseis diversos, os estudos resultantes e ainda os relativos aos artefatos indígenas como às novas tribos encontradas, formaram tão importante repositório que um dos mais autorizados naturalistas de quantos têm enriquecido os quadros do Museu Nacional, — o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, fazendo um balanço geral das coleções d'aquêle centenário estabelecimento científico, não trepidou em afirmar que se houvera de escolher entre o que o Museu acumulou durante um século e o que lhe foi doado pela Comissão Rondon, desde 1907 a 1922, não trepidaria em preferir, pelo valor intrínseco, pela raridade e importância científica, as coleções formadas com o material remetido pela Comissão Rondon.

Cumpríamos desapercivelmente todo aquêle grande programa traçado pelo Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro quando, após as notáveis explorações realizadas através da América no Sul pelo Conde de Castelnau (1843-47), propiciou a organização de uma comissão de cientistas brasileiros para estudar o país, o que foi feito com apreciáveis resultados na zona costeira, principalmente no N. E. do Brasil.

Procurando sumariar os principais resultados das sucessivas “équipes” que dirigi ou seja da Comissão Rondon e da Inspeção de Fronteiras, vêm-me a memória:

1) — Ficou levantado o rio Paraguai, desde a sua mais remota cabeceira e todos os seus grandes afluentes, brasileiros;

2) — Quase todos os grandes rios da bacia do Amazonas que nascem no território de Mato Grosso foram levantados;

3) — Ficou bem caracterizada, dentro do Estado de Mato Grosso e na maior parte levantada, a linha separatriz ou “divortium aquarum” Amazonas — Prata. Como alguns dos contribuintes setentrionais do Paraguai vêm de muito perto do paralelo de 14° e, na Bolívia, os mais meridionais contribuintes de águas amazônicas partem de pontos abaixo do paralelo de 20° — segue-se que há na América Meridional uma faixa central de 6° de meridiano (cêrca de 600 km de largura) dentro da qual as águas das duas maiores bacias dêste continente sulino (uma delas a maior do mundo) se aproximam e por vêzes se unem, formando imenso labirinto, cuja idéia geral pode ser definida por movimentado zig-zag;

4) — Muitos divisores secundários, no âmbito das duas grandes bacias, estradas, caminhos, piques etc. ficaram levantados, chegando os detalhes à demarcação de terras indígenas e ao levantamento de cidades vilas, povoados, etc;

5) — Muito cedo (desde 1922), o serviço cartográfico da Comissão Rondon chegou a conclusões novas sôbre a posição da linha que separa as matas dos campos ou cerrados no chapadão dos Parecis.

As plantas coloridas, desenhadas e em geral impressas, da linha telegráfica tronco e ramais respectivos, incluindo as explorações correlatas, evidenciam êsse aspecto fitogeográfico. Algumas dessas plantas muito contribuíram para o estudo da determinação dos limites da Hiléa Amazônica empreendidos recentemente pelo Conselho Nacional de Geografia;

6) — Cêrca de 200 publicações vieram a lume, relativas aos aspectos administrativo, técnico e científico dos trabalhos enfrentados pela Comissão Rondon.

Muitas delas apareceram sob o patrocínio de outras entidades científicas, revistas, etc. pois que nem sempre foi possível divulgar em tempo útil as conclusões, por vêzes importantíssimas e de urgência indeclinável, a que chegaram meus antigos colaboradores;

7) — um dos resultados mais apreciáveis como finalidade justificativa dos grandes esforços empenhados (com holocausto de preciosas e saudosas vidas), foi o da confecção e publicação da “Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas”. Era do meu programa a publicação de uma carta do Estado como imensa etapa, possivelmente a final, dos serviços da Comissão Rondon.

Infelizmente, a nossa atividade se manifestava já antes em uma época prenhe de imensas perturbações administrativas. O desejo de corresponder ao convite que me fez o Sr. General Émile Gamelin para imprimir a carta no “Service Géographique de l’Armée”, em Paris, foi tentado mas não pode ser cumprido. Muitas razões havia para a aceitação dêsse convite, as de ordem técnica, as de ordem cívico-humanísticas e ainda as de segurança. Supuz que, enviando a Paris o Chefe da Secção de Desenho, o então Cap. Jaguaribe de Mattos, poderia êle, fora de perturbações, concluir o desenho e iniciar a impressão. Substimei o tempo, pois que partindo o oficial do Rio de Janeiro em Março, eu presumia que a 7 de Setembro do mesmo ano estaria êle de volta com a carta impressa. Sou assim o responsável pela interrupção dos serviços que se realizavam em Paris por haver chamado a título urgente o referido oficial a quem incumbi o encargo de orientar toda a representação da Comissão Rondon na Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Ganhei uma boa representação da Comissão Rondon, mas desarticulei a finalização da impressão da Carta. Uma segunda tentativa, com reforma quase total da elaboração cartográfica e do desenho, esteve em molde de fornecer a segunda reprodução da Carta, mas a revolução de 1930, triunfante, paralizou os trabalhos de campo da Inspeção de Fronteiras e dissolveu a Comissão Rondon. Muitas tentativas fizemos para retomar os trabalhos sob continuidade, mas sem resultado apreciável.

A revolução de 1932 arrastou o então Tte. Cel. Jaguaribe para o exílio e, fixando-se em Portugal, êle dedicou-se inteiramente ao estudo dos arquivos

visando a continuação da Carta. Atendendo a um seu pedido, mandei-lhe todo o arquivo cartográfico que êle havia reunido, por mãos de um desenhista que ficaria à sua disposição. Não posso deixar de referir que esse anho de consubstanciar a grande dedicação do meu antigo auxiliar só foi realizavel porque o então Ministro da Guerra, Sr. Gen. Góes Monteiro, mostrou-se cavalheiresco para comigo e altamente compreensivo como patriota. Não chegou ao fim a tentativa, porque veio a anistia e o oficial teve de regressar, obediente ao chamado dos seus Chefes. Achava-me em Letícia, desprovido de qualquer autoridade sôbre os meus antigos serviços nas regiões centro-oeste do Brasil quando fiz um apêlo ao meu antigo camarada e novo Ministro da Guerra, Sr. Gen. Eurico Gaspar Dutra, no sentido de designar o Cel. Jaguaribe de Mattos para retomar os antigos trabalhos da Comissão Rondon e Inspeção de Fronteiras. Finalmente, no comêço no ano de 1939 poudo o meu antigo e dedicado auxiliar assumir encargos mediante os quais todo o rico acêrvo acumulado e os antigos auxiliares por êle treinados ficavam à sua disposição para prosseguimento da longa besonha.

Em 1941, era firmado um Convênio entre o Ministério da Guerra e o Estado de Mato Grosso para a “Confecção, Impressão e Distribuição da Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas”. Nos termos dêsse Convênio fui reconduzido à situação de Diretor Geral da Carta, ficando o então Cel. Jaguaribe como Diretor ou Chefe do Serviço Gráfico Executivo.

Assim, a Carta de Mato Grosso, que acredito ser a mais alta expressão do esforço para concatenar em um só documento todo o manancial de estudos de Mato Grosso e das regiões circundantes, desde os meizados do seculo XVIII até aos nossos dias, foi concluida, desenhada e impressa sob a responsabilidade imediata do Sr. Gen. Jaguaribe de Mattos, que mui justamente passou assim de simples auxiliar a meu colaborador.

\* \* \*

Tôda a resenha discritiva acima exposta visa a alcançar a finalidade ou o propósito desta Mensagem.

Quero exprimir por vosso intermédio o meu agradecimento e a minha admiração por todos os meus auxiliares, colaboradores implícitos, em grãos diversos, da obra que ficou realizada nos sertões e nos escritórios técnicos.

Quero sobretudo que a *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, que me pediu uma Mensagem, dignificada como está pelo culto do serviço da

Humanidade, no que êle tem de básico, prodigalizando ao homem, pelo conhecimento do solo, benesses para a vida e para o confôrto do lar, se unifique em espírito para homenagear aos meus antigos auxiliares, vivos e mortos, agradecendo-lhes o muito que fizeram.

Todos continuam presentes pela maneira viva como os recompõe a minha saudade, nos quadros e nas peripécias dos nossos difíceis empreendimentos.

Se a outra banda do mundo orgânico, constituída pelos sêres vegetais, que, imóveis, testemunharam as nossas arrancadas, pudesse agora falar, da beira das estradas, das barrancas dos rios, dos campos e charravascais, do âmago de florestas que vos pareceriam impenetradas, vozes clamariam — “continuai, continuai, — por aqui passaram outros e o objetivo é dar aos que mourejam em outros setôres, meios reais, para o grande prazer e imenso dever de servir ao Brasil e à Humanidade”.

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

Rio de Janeiro, julho de 1953.



*Belíssima mensagem do General Candido Mariano da Silva Rondon enviada à Associação dos Geógrafos Brasileiros, por ocasião da reunião da AGB realizada em Cuiabá (Mato Grosso). Tendo sido convidado para a reunião de Cuiabá, pelo professor Aroldo de Azevedo, Rondon enviou a mensagem, que foi transcrita no Boletim Paulista de Geografia, nº 15 (outubro, 1953), p. 82-86, São Paulo, SP.*

## VIAGEM AO BRASIL (1865 -1866)

*Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz*

**Vila de Breves.** *21 de agosto* - Atingimos ontem à noite a nossa primeira estação, a pequena vila de Breves. A sua população, como a de todos os pequenos estabelecimentos do Amazonas inferior, é o produto da mistura das raças. Vêem-se aí os traços regulares e a pele clara do homem branco, a grosseira e lisa cabeleira preta do índio, ou então as formas metade de negro, metade de índio que apresentam os mestiços cujos cabelos não possuem mais ondulações finas. Ao lado dessas misturas, mostra-se o puro tipo índio: fronte baixa, face quadrangular, ombros rigidamente em ângulo reto e muito altos, sobretudo nas mulheres. Na primeira cabana em que entramos, só havia uma índia mestiça. De pé, na galeria aberta da pequena construção de palha, tem em volta de si uma mercadoria coberta de penas, periquitos e papagaios de toda espécie e tamanho que ela aprisionou para vender. Depois de passar a vista por várias dessas cabanas, de comprar um ou dois macacos, alguns papagaios e alguns vasos - tão feios quanto curiosos, diga-se a verdade - penetramos na floresta e vagamos ao acaso colhendo plantas para nossos herbários. As palmeiras são mais abundantes, maiores e mais variadas que as que temos encontrado até então. Ao crepúsculo, voltamos para bordo, onde nos aguardava uma multidão de rapazes e alguns outros habitantes mais velhos do lugar. Trazem cobras, peixes, insetos, macacos, etc. Tendo-se espalhado a notícia de que o objeto da nossa visita

ao povoado era apanhar “bixos” [sic] todos acorreram carregados de suas mercadorias vivas. Agassiz ficou encantado com essa primeira colheita, e adicionou um número considerável de espécies à sua coleção de peixes amazônicos feita na cidade do Pará, já tão rica e rara. Passamos em Breves toda a noite, e, esta manhã, navegamos entre as ilhas, num canal que tira o seu nome do rio Atúria. Dá-nos uma idéia da grandeza do Amazonas o fato de constituírem grandes rios os canais que separam as ilhas em que se fratura a foz do rio, canais esses que são conhecidos pelos habitantes da região por denominações locais diferentes.

\* \* \*

**Passeio nas margens.** O calor esteve muito forte durante o dia: mas, lá para as cinco horas, voltou a brisa e eu descí para passear. Não se passeia aqui como em um lugar qualquer, e, enquanto a gente não se acostuma, chega a ser mesmo perigoso. Grande parte do solo se acha coberto pelas águas, e atravessa-se um simples tronco de árvore sobre todos esses pântanos e canais. Os habitantes passam por sobre eles tão fácil e tranqüilamente como se caminhassem sobre uma larga estrada; os recém-chegados, porém, só se sentem meio garantidos.

*Cortesia dos índios* - Ao cabo de algum tempo, demos com uma choça de índio na orla da mata. Um convite cordial nos decide a entrar e o aspecto asseado do alpendre, que, por si só, constitui as salas de recepção, provoca os nossos comentários favoráveis. Uma vez por todas, descrevamos uma dessas habitações. A floresta é quem lhe fornece os materiais; a armação é feita de troncos de árvores finos, cruzados em ângulo reto e entrelaçados com longas folhas de palmeira que fornecem excelente tapagem; ou, muitas vezes, as paredes são feitas de barro. O teto se inclina para cobrir o largo alpendre, aberto para os lados e para a frente e que se estende ao longo da cabana, formando uma peça com muito fundo e de belas dimensões. No interior, o resto da pequena habitação consta de uma ou duas divisões, conforme o tamanho. Não penetrei nesses quartos reservados, mas de bom grado afirmaria que nelas reina tanta ordem e limpeza como na coberta externa. O chão, de terra batida, está cuidadosamente varrido, não se vê nada em desordem espalhado pelo chão, e, não fossem os mosquitos, eu não hesitaria em armar a minha rede sob o teto de uma dessas varandas

primitivas. Há, ainda, nas casas de pobres dos nossos climas, um elemento repulsivo felizmente ausente aqui: em lugar duma cama volumosa e fétida, verdadeiro ninho de sevandijas, o índio suspende à noite, entre duas paredes, a sua fresca rede. Um traço particular da arquitetura dessas cabanas deve ficar registrado. Como o terreno em que vivem está sempre inundado, os índios costumam suspender a sua choupana sobre estacas e, assim, temos reproduzidas diante dos nossos olhos as velhas construções lacustres de que tanto se falou há alguns anos. Às vezes mesmo, um pequeno jardim, suspenso pela mesma forma em cima d'água, acompanha a pequena habitação.

\* \* \*

*De canoa, pela floresta* - Quando, depois de nos despedirmos, embarcamos na canoa, pensávamos que iríamos simplesmente atravessar o curso d'água, mas o índio virou a proa da sua ligeira embarcação no sentido da corrente, e afundou-se na floresta. Jamais esquecerei este passeio, tanto mais encantador quanto menos previsto, sobre a estreita trilha líquida, na sombra quase negra, sob os arcos espessos dos cipós que o cobrem com suas abóbadas. E entretanto o dia não estava escuro: fora, o sol poente tingia o céu de ouro e púrpura, e os seus derradeiros raios, vindo quebrarem-se por entre as espessas ramagens, acendiam quentes clarões no interior da floresta. Não esquecerei também a amável acolhida do nosso amigo índio, nem a sua figura risonha quando nos escapava alguma exclamação de prazer diante da cena tão bela de que nos tinha proporcionado a surpresa. O pequeno canal, depois de uma última volta, desembocou no rio, e nós nos encontramos a algumas braças do embarcadouro em que estava fundeado o nosso navio. O amável remador nos deixou sobre os degraus da escada, depois, com uma cordial despedida de sua parte e muitos agradecimentos da nossa, afastou-se.

\* \* \*

**Pôr-do-sol.** A tarde deste mesmo dia foi a mais agradável de quantas já passamos no rio Amazonas. Estávamos sentados na proa do navio, sob a coberta, quando o sol flamejante baixou no horizonte. Sua grande imagem de um vermelho-fogo, refletindo-se n'água, cedeu lugar rapidamente aos pálidos e trêmulos raios do crescente lunar; mas, mesmo depois de

desaparecido, largas faixas róseas, elevando-se até o zênite, atestavam ainda o seu poder e emprestavam algo do seu brilho à massa enorme de nuvens brancas que enchem o oriente; estas, refletindo a luz sobre o rio, transmutavam em pura prata a superfície amarelo-sujo de suas águas, enquanto que, por cima das colinas de Almeirim, o azul profundo do céu parecia ainda mais forte no meio desses clarões.

\* \* \*

**Cenas pastoris nas margens do rio.** Entre Santarém e Óbidos, aonde chegaremos esta tarde, as margens do rio parecem mais povoadas que nas regiões que atravessamos primeiro. Tocamos quase nas margens e vemos passar diante dos nossos olhos, como numa evocação das idades primitivas, os costumes da vida pastoril. Grupos de índios, homens, mulheres e crianças, nos saúdam das margens, acorados embaixo da abóbada das grandes árvores plantadas ou escolhidas para servir de cobertura aos desembarcadouros. É este, com as “montarias” amarradas junto às praias, o primeiro plano invariável de todas as nossas paisagens. Às vezes uma ou duas redes estão suspensas às árvores cujos ramos deixam distinguir o teto de palha e as paredes da pequenina choça ou cabana. Talvez, se as vissemos de mais perto, essas cenas tão encantadoras da vida pastoril se nos mostrassem sob um aspeto mais grosseiro e prosaico; mas para que insistir? A Arcádia, ela mesma, provavelmente não teria resistido a um exame de muito perto, e duvido que tivesse podido apresentar um aspeto tão sedutor como o dessas pequeninas habitações de índios das margens do Amazonas. A floresta primitiva que rodeia essas moradias é quase sempre cheia de clareiras. Estas estão no meio de pequenas plantações de cacau e mandioca - planta cuja raiz fornece ao índio a sua farinha - e às vezes também de seringueiras (árvore da borracha). Esta última, porém, só muito raramente é que é cultivada; cresce em estado nativo na floresta. O cacau e a borracha são expedidos para o Pará em troca das mercadorias necessárias a essa pobre gente.

\* \* \*

**Viagem noturna de canoa no lago de José Açu.** 28 de agosto - Eram duas canoas; numa estavam o Sr. Burkhardt, Agassiz e eu; a outra era ocupada pelo Major Coutinho, o Dr. Marcos e o Sr. Thayer. A primeira,

talvez um pouco maior, tinha na popa uma pequenina câmara de seis pés de comprimento por três de altura, coberta de madeira; a segunda tinha apenas um abrigo de folhas de palmeira. A maior recebeu a nossa bagagem, a mais reduzida possível e as provisões vivas: um carneiro, um peru, algumas galinhas; colocaram-se nela também um certo número de barris e bocais cheios de álcool para as coleções. O capitão nos proveu não somente do necessário como de todo o luxo possível para uma viagem de uma semana.

Terminados os nossos preparativos, como o tempo não levantasse, às nove horas da noite nos enrolamos nas redes, ou aqueles que não as conseguiram obter se estenderam sobre os bancos, e dormimos um sono que foi interrompido às três horas da madrugada. As estrelas brilham no céu, o vento amainou, o rio está liso como um espelho, tudo parece de bom augúrio; os papagaios caem n'água e afastamo-nos do navio. Não há lua, mas um ou dois astros projetam seus brilhantes reflexos sobre o rio e nos iluminam o caminho. Durante um certo tempo seguimos a corrente, mas ao nascer do sol desviamo-nos um pouco para entrar num canal estreito que se intromete pelas árvores da floresta. O dia nasceu apenas; não obstante, a meia obscuridade em que nos deixa essa luz ainda incerta, nada tira do encanto da paisagem: verdes muralhas, que se elevam de ambos os lados e nos aprisionam, fogem diante de nós; como verdes colunas, grandes árvores possantes vestidas de frágeis cipós até em cima, e cujos perfis se recortam soberbamente no céu da manhã; flores escondidas enchem o ar de perfumes; longas raízes avançam para as águas e, às vezes, um tronco flutuante estreita a passagem, deixando apenas o espaço necessário para as canoas. Enfim, chegamos ao extremo da estreita passagem, desembocando num grande lago.

\* \* \*

## **ESTADA EM MANAUS - DE MANAUS A TABATINGA**

### **Chegada a Manaus - Conflito das águas do Solimões com as do Rio Negro**

*5 de setembro* - Manaus - Ontem pela manhã entramos no Rio Negro e observamos o conflito de suas águas calmas e quase pretas com as ondas amareladas e apressadas do Solimões, como é denominado o médio Amazonas. Os índios dizem admiravelmente: “o rio vivo e o rio morto”. O

Solimões vem de encontro à corrente escura e lenta do Rio Negro, com força tão irresistível, tão viva que este último bem parece, ao lado dele, uma coisa inerte e sem reação. Na verdade, esta época do ano é aquela em que as águas dos dois grandes rios começam a baixar e o Rio Negro parece opor certa fraca resistência à força superior do Solimões; durante rápido instante, ele luta contra o rio impetuoso; mas, logo subjugado e estreitamente comprimido contra a margem, prossegue o seu curso até uma pequena distância, lado a lado com o Solimões. O mesmo não se dá na época das cheias; então o enorme rio comprime com tal superioridade a embocadura do Rio Negro que nem uma gota de suas águas pretas, como tinta, parece misturar-se à massa d'água amarelada do interruptor; este atravessa o seu afluente e passa, barrando-o completamente. Não se pense, pela mudança do nome, que o Solimões seja coisa diversa do Amazonas: é o mesmo rio, porém acima de Manaus; do mesmo modo, o que se chama Marañon é ainda o mesmo rio acima de Nauta, além das fronteiras brasileiras. É sempre o mesmo curso d'água gigantesco, atravessando o continente em toda a sua largura; mas conforme se acha no alto, no meio e em baixo do seu curso, recebe os três nomes locais: Marañon, Solimões e Amazonas. No ponto em que os brasileiros o designam pelo nome de Solimões, ele se volta subitamente para o sul, justamente no ponto de seu encontro com o Rio Negro que vem do norte, de modo que os dois rios formam um ângulo agudo.

\* \* \*

### **Manaus**

Que poderei dizer da cidade de Manaus? É um pequeno aglomerado de casas, metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidência. Entretanto, a situação da cidade, na junção do Rio Negro, do Amazonas e do Solimões, foi das mais felizes na escolha. Insignificante hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação. Mas quando se pensa na imensa vastidão de terras cobertas ainda por florestas impenetráveis, nas consideráveis dificuldades que impedem a criação de povoações nesta região - insetos, clima, comunicações difíceis - parece bem longe o dia em que uma população numerosa venha fixar-se nas margens

do Amazonas, em que embarcações a vapor venham circular dos seus portos aos do Mississipi e em que todas as nações do globo venham buscar a sua parcela dos ricos produtos desta bacia.

### **Passeios - Os “aguadeiros”**

Um dos meus grandes prazeres em Manaus é, à tarde, ao cair do dia, dirigir meus passeios para a floresta vizinha e ver desfilar os “aguadeiros”, índios ou negros, que voltam pelo estreito caminho, trazendo na cabeça um grande jarro vermelho de barro, cheio d’água. É como uma procissão, de tarde e de manhã, pois a água do rio passa por não ser boa para se beber, e de preferência, a cidade se abastece nas pequenas fontes e riachos da mata. Alguns desses lençóis d’água, escondidos em sítios encantadores, sob um teto de árvores, servem de banhos públicos. Um deles, bastante largo e profundo, é o mais procurado; cobriram-no com um grande telhado de folhas de palmeiras e, ao lado, construíram uma casinha rústica de palha que serve para mudar a roupa.

\* \* \*

### **Uma escola para índios**

Passamos ontem uma manhã muito interessante visitando uma escola para crianças índias, a pouca distância da cidade. Ficamos admirados com a aptidão que essas crianças manifestam pelas artes civilizadas, para as quais são tão pouco hábeis os nossos índios da América do Norte. É preciso, porém, lembrar que temos diante dos olhos, no próprio solo em que viveu sua raça, os herdeiros diretos dos povos que fundaram as antigas civilizações do Peru e do México, incomparavelmente superiores a não importa que outra organização social de que se encontraram vestígios entre as tribos do Norte. Numa grande oficina de torneiro e marceneiro, vimos esses índios fabricarem elegantes peças de madeira trabalhada, cadeiras, mesas, aparadores e vários artigos pequenos como régua e faquinhas para cortar papel. Noutra oficina, trabalhavam em ferro; noutra trançavam delicados objetos de palha... O corpo principal do edifício contém as salas de aula, os dormitórios, os depósitos, a cozinha, etc. Chegamos à hora do almoço, e tivemos o prazer de ver a servir a essas crianças pobres uma excelente refeição composta de enorme tigela de café com um grande pedaço de pão acompanhado de bastante manteiga. Mas que contraste quando se compara

a expressão de todos esses rostos infantis assim reunidos com as fisionomias do primeiro bando que se encontre de pequenos negrinhos! Estes estão sempre alegres e despreocupados; aqueles reservados, preocupados, quase tristes. No entretanto, o olhar deles é inteligente, e afirmaram-nos que os índios de raça pura são ainda mais bem dotados que os indivíduos de sangue mestiço... Teríamos trazido daí a mais feliz das impressões, se não tivéssemos sabido que, nesse orfanato, às vezes se retêm sob pretexto de instrução a ministrar, pobres criaturinhas que ainda têm pai e mãe e que foram subtraídas às tribos selvagens. Uma célula sombria que vimos com grossas grades de ferro, bem semelhante à jaula de um animal feroz, confirma ainda essa triste opinião. Procurei certificar-me do que há de verdade nessas informações, e responderam-me que, se semelhante coisa se dá alguma vez, é tão só para arrancar a criança a uma condição selvagem e degradada; a civilização, mesmo imposta pela força, é preferível a barbaria. Ponho, porém, em dúvida, que uma presidência, qualquer que seja, fosse ela do próprio Deus, possua sabedoria e amor em grau bastante alto para exercer sem perigo essa caridade pela violência...



*Fragmentos dos textos de Elizabeth Cary Agassiz que revelam os bastidores das pesquisas do casal em diversos setores da Amazônia Brasileira.*

Tradução e notas de Edgard Sússekind de Mendonça.  
Edição do Senado Federal (Brasília, ano 2000).

*Anotações de Elizabeth Cary Agassiz no livro “Viagem ao Brasil - 1865-1866”, editado em português pela Livraria Itatiaia Editora Ltda. (Belo Horizonte - MG) / Edusp (SP). Enquanto a pedagoga Elizabeth fez excelentes registros sobre as expedições feitas na Amazônia Brasileira, Luiz Agassiz inseriu trechos de suas observações sobre peixes dos rios amazônicos, e as cartas que enviou às autoridades que auxiliaram suas expedições, envolvendo uma carta enviada ao Imperador Pedro II, que foi o grande incentivador da vinda dos cientistas de Boston para o Brasil.*

## **VIAGEM À PROVÍNCIA DE SÃO PAULO**

### **Descrição da Cidade de São Paulo**

*Auguste de Saint-Hilarie*

Mal haviam chegado ao Brasil, os jesuítas fundaram um colégio na Vila de São Vicente, recém-criada. Mas a vila era habitada por portugueses, e os padres da Companhia de Jesus tinham por principal objetivo a catequização dos indígenas. Resolveram, pois, se estabelecer no meio destes. Tendo descoberto um local admirável a oeste da cadeia marítima, na vasta planície de Piratininga, ali construíram uma choupana. Foi esse o início de uma cidade cujos habitantes iriam ter um papel tão importante na história do Brasil.

Uma capelinha coberta de folhas de palmeira foi em breve erguida ao lado da choupana que abrigava os religiosos europeus e os seus discípulos. A primeira missa foi aí celebrada a 25 de janeiro de 1553, dia da conversão de São Paulo, tendo sido dada à nova colônia o nome de São Paulo de Piratininga, nome cuja primeira parte foi conservada até hoje.

Tibiriçá, cacique dos goianases, abandonou a antiga aldeia de Piratininga, onde haviam vivido os seus antepassados, e com todos os índios sob a sua guarda mudou-se para a aldeia dos jesuítas. Uma das ruas de São Paulo, a de São Bento, foi designada por longo tempo, em honra desse cacique, pelo nome de Martim Afonso, que ele havia recebido no batismo. O exemplo de Tibiriçá foi seguido pelo venerável cacique Caiobig e por vários outros que habitavam a planície de Piratininga. Mas o principal aumento da população

de São Paulo ocorreu quando o governador geral, Mem de Sá, anexou a ela a de Santo André, pequeno povoado cuja destruição ele havia ordenado. Até essa época São Paulo não tinha passado de uma humilde aldeia. Foi-lhe dado o título de cidade, com todos os privilégios disso resultantes e, em honra de sua nova posição, foi fincado diante da casa dos jesuítas o mastro da justiça que havia sido traduzido de Santo André.

Em vão procuraríamos naqueles tempos, nos campos vizinhos de São Paulo e na própria cidade, a doce tranqüilidade que hoje podemos usufruir ali. Os habitantes viviam sob o temor constante do ataque dos índios, e muitas vezes ouviam ressoar no meio da mata o esturro da suçuarana (*Felis concolor*, S.). O permanente terror que sentiam das onças levava muitas vezes os homens a dormirem amontoados com seus companheiros. Em toda parte pululavam as cobras venenosas, e o viajante não podia atravessar os campos sem correr o risco de ser picado por um desses répteis.

Nessa época, as casas dos paulistas eram provavelmente feitas de barro e paus cruzados, ou diferiam ainda menos das dos selvagens. Entretanto, ficamos sabendo, por uma carta do venerável José de Anchieta, enviada em 1563 ao superior de sua ordem, o Pe. Lainez, que São Paulo nessa época tinha uma porta de entrada e que, para defender a cidade do ataque dos índios, os portugueses haviam construído à sua volta uma paliçada. Os jesuítas tinham plantado hortas, os campos das redondezas começavam a ser cultivados, e inúmeros rebanhos de vacas pastavam nas campinas.

Pouco a pouco os paulistas, por meio de um combate incessante aos selvagens, tornaram-nos menos temíveis. Ajudados por numerosos escravos, expandiram suas lavouras, construíram engenhos e prosperaram bastante. Enquanto isso acontecia, a cidade de São Vicente, cuja localização não era muito favorável e cujos privilégios tinham sido usurpados por Santos, entrava em declínio. Foi decidido que ela não merecia o título de sede da capitania, e em 1581 esse título foi transferido para São Paulo de Piratininga.

Contudo, a população de São Paulo sofreu uma grande baixa quando, por volta de 1570, os goitacases se retiraram da cidade, e em 1585 não havia ali mais do que 120 habitantes, não se incluindo nesse total os índios escravizados. A população diminuiu ainda mais à época da expulsão dos jesuítas (1640), mas o que entrou realmente a sua expansão foram as longas expedições que os paulistas realizaram durante um século e meio,

à procura do ouro e de escravos indígenas. Enquanto os aventureiros paulistas percorriam os sertões, as mulheres permaneciam sozinhas em suas casas, e grande foi o número delas que jamais voltou a ver os maridos.

No início do século XVII não havia em São Paulo mais do que 200 habitantes, uma centena de casas, uma igreja paroquial, um convento de beneditinos, um convento de carmelitas e o colégio dos jesuítas. No fim desse século a população tinha aumentado sensivelmente, mas ainda assim não ia além de 700 habitantes. Entretanto, como bem observa um historiador, “as terras dos arredores deviam ser muito povoadas, do contrário a província não teria podido fornecer os numerosos bandos de aventureiros que levaram a devastação ao Paraguai e exploraram o centro do continente americano”. São Paulo devia assemelhar-se, então, às cidades de Minas Gerais e Goiás que permanecem desertas durante toda a semana e só se povoam quando a missa dominical faz com que para ali afluam os agricultores das redondezas.

Em diferentes épocas, os soberanos de Portugal concederam privilégios à cidade de São Paulo e enviaram cartas aos seus cidadãos mais graduados para lhes agradecer as importantes descobertas que tinham feito no interior do país.

Quando, em 1712, a Província de São Paulo deu início à formação de um governo local, sua capital foi escolhida como residência dos capitães-gerais ou governadores, tendo recebido o título de *cidade*. Durante muito tempo, como acontecia com o resto da capitania, ela tinha estado sob a jurisdição dos bispos do Rio de Janeiro. Em 1746, ela própria tornou-se sede de um bispado. Convém esclarecer, entretanto, que, embora contasse com a extraordinária vantagem de congregar as principais autoridades da capitania, ela só veio a adquirir real importância nos fins do século passado, quando a cultura das terras circunvizinhas se expandiu de maneira notável e os engenhos de açúcar se multiplicaram. Segundo dados fornecidos por uma alta autoridade, que ali se estabeleceu em 1772, só havia na cidade seis casas de dois pavimentos.

As obras que pude consultar não indicam quais eram, no decorrer do século XVIII, as cifras correspondentes aos sucessivos aumentos da população de São Paulo. Mas é inegável que foi principalmente à época da chegada de D. João VI ao Brasil que a sua expansão se tornou mais acentuada. Parece que em 1807 a cidade e o seu distrito não contavam

com mais de 20.000 habitantes, e em 1817 o total destes, em ambos, era de 23.760. Em 1822, a cidade e o distrito apresentavam 25.682 habitantes, distribuídos em 13 paróquias. É bem verdade, entretanto que em 1839 o cômputo da população indicava apenas 21.933 habitantes, mas o distrito inteiro, inclusive a cidade, tinha sido reduzido a 9 paróquias e uma sucursal. Somente a população da cidade e suas redondezas, distribuída por 3 paróquias – a catedral, a Igreja de Santa Efigênia e a de Bom Jesus do Brás – elevava-se em 1839 a 9.991 indivíduos, sendo 5.668 para a primeira dessas paróquias, 3.664 para a segunda e 659 para a terceira. No total, havia 33 pessoas livres, 8 escravos de idade que variava entre 80 e 90 anos e 2 pessoas com mais de 90 anos, uma livre, outra escrava.



*No livro de Auguste de Saint Hilaire, editado e publicado em português pela Livraria Itatiaia Editora Ltda (Belo Horizonte) / Edusp (São Paulo), em uma tradução por Regina Reis Junqueira, o viajante naturalista incluiu um minucioso capítulo geográfico e histórico sobre São Paulo de Piratininga. A variedade de tratamentos de Saint Hilaire sobre a cidade de São Paulo é tão grande (1818-1820) que tudo que ali está pode ser considerado indispensável (população, clima-urbano, doenças, presença de militares hábeis e comportamentos da população). Convém ler o livro inteiro!*

## O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro

*J. Capistrano de Abreu*

A influência da natureza é passiva ou ativa. Logo que um organismo nasce ou desloca-se, deve adaptar-se ao meio: é o que chamo influência passiva. As condições de adaptação tendem a sistematizar-se e a excluir a acumulação de condições: chamo influência ativa da natureza; bem que logicamente separáveis os dois processos, são na realidade indissolúveis; mas o primeiro é anterior ao segundo, é preciso que, pelas primeiras alterações, sejam funcionais antes de pelo segundo tornarem-se orgânicas.

No Brasil a influência ativa da natureza já é sensível. Já destacam-se as operações do clima, da alimentação do solo, das aparências naturais. É sem razão que alegam ser o tempo insuficiente para tanto; a deficiência do tempo refere-se antes à percepção adequada do que à objetiva. Não só quatro séculos são espaço que bastante para a elaboração biológica, e por conseguinte sociológica; como a ignorância dos primitivos colonizadores, sua indolência genial, o segregamento a que condenou-os a política da metrópole, oferecendo uma resistência mínima à pressão mesológica, tendiam a deixar produzirem-se livremente os seus efeitos. Acrescenta-se que os indígenas americanos são o produto da natureza americana, e sua incorporação à nossa sociedade teve lugar em larga proporções, em proporções apenas inferiores às do Paraguai. É evidente quanto isto deve ter concorrido para o suplemento do tempo.

Não tratarei da influência ativa da natureza. A percepção é inadequada. Conhecemos as forças cooperantes, mas ignoramos a sua composição, e a consideração abstrata das energias elementares dá apenas uma pálida idéia da sinergia concreta. Demais, para fundamentar a tese que sustento, isto é, que o fator étnico fornece uma explicação empírica e ilusória do nosso estado social, se da asserção alvedriosa passarmos à aplicação particular - basta o estudo da influência passiva da natureza.

A influência passiva da natureza pode resumir-se nesta proposição: em consequência das condições especiais em que se achou a civilização portuguesa por seu transplante para o Brasil, como distribuição de riqueza; divisão de trabalho; diminuição e dispersão de população; deslocamento de centros governativos, mentais, econômicos; nascimento de novas necessidades, ablação de velhos usos, as funções sociais não podiam se desenvolver normalmente; em vez de tenderem a crescer, o seu trabalho tendia a minguar, e como a minguagem de trabalho traz o acanhamento das funções e o acanhamento das funções traz o depauperamento do organismo, a sociedade brasileira atrofiou-se.

Vou expor algumas das razões que obstavam à plenitude funcional, escolhendo de preferência os tempos coloniais. Neles as questões são mais simples, além de que aos fatos contemporâneos aplica-se a mesma linha de argumentos com pequenas modificações, pois apenas contêm desenvolvidos princípios outrora latentes.

Antes de fazê-lo, devo chamar a atenção para dois pontos. O primeiro é que as civilizações americanas, sofrendo o mesmo mal que o Brasil, e as dívidas enormes, as revoluções endêmicas, a ausência de indústria, arte e ciência mostravam um estado patológico. Os Estados Unidos são uma exceção, mas exceção que confirma a regra: se a sua indústria é próspera, se o governo é livre, se o comércio e agricultura são florescentes, a atrofia ainda sente-se na religião e na ciência - na religião pela abundância de seitas extravagantes, cuja expressão mais completa é o mormonismo; na ciência pela falta de pensadores originais. Até aqui, em vez de acumular, os cientistas americanos quase exclusivamente se têm ocupado da vulgarização ou das aplicações da ciência. Broirn Sequard, Fishe, Draper, etc., estão como que isolados, e diz A. de Tocqueville que, se nem um povo relativamente conta tão poucos homens ignorantes, nem um relativamente conta tão poucos homens ilustrados.

O segundo ponto para que devo chamar a atenção é o seguinte: se as funções que não se manifestaram plenamente acanharam-se, não se devem ter acanhado as que se manifestaram plenamente. Isto com efeito sucede: a língua portuguesa não se acanhou porque o número relativamente elevado dos que a falavam, a dependência absoluta do reino, a inutilidade do tupi, língua correta e fracionada em dialetos, para veículo de uma civilização científica, tornando impossível a sua interrupção. Entretanto, para mostrar que em quatro séculos há tempo suficiente para profundas modificações, para provar que, pela lei do *consensus*, uma sociedade não pode ser alterada em uma parte sem que o todo repercuta, nota-se no português, qual é falado pelo brasileiro, a introdução de palavras, a inutilização, mudança de acentuação e acento em outras. Todavia este fato evidentemente não significa atrofia.

Na indicação das funções de que vou agora ocupar-se, sigo a classificação adotada por Littré em seu *Plan pour un Traité de Zoologie*, que vem em um dos números da revista *Philosophie Positive*. Os fenômenos são classificados segundo a sua simplicidade decrescente ou, o que é o mesmo, segundo a sua particularização progressiva.



*Transcrição parcial do artigo de Capistrano de Abreu, intitulado “O caráter nacional e as origens do Povo Brasileiro”, publicado originalmente no jornal O Globo, em 9 de março de 1876, e inserido no livro “Ensaios e Estudos: Crítica e História”, edição da Civilização Brasileira, obra preparada e prefaciada por José Honório Rodrigues (Brasília, 1976).*

*O importante a registrar é o fato de que Capistrano tratou de um assunto que muito mais tarde geógrafos alemães e franceses tratariam sob o título oposto de determinismo e possibilismo.*



## O roteiro de vida de Adib Jatene

Acreano nascido em Xapuri (a 4 de junho de 1929), e “paulista de coração”, é o cirurgião cardíaco mais importante do País - não por acaso, foi o aluno preferido do pioneiro doutor Euryclides Zerbini na Faculdade de Medicina da USP. O pai, um comerciante libanês, morreu de febre amarela quando ele tinha apenas dois anos. A mãe, logo depois da morte do marido, mudou-se para Uberlândia (MG). Com o pouco dinheiro que tirava na modesta loja de armarinho, mandou o filho para São Paulo fazer o segundo grau. Valeu a pena. As delicadas mãos do médico já operaram, sozinhas, quase 20 mil corações. Chefiando equipes, o número de cirurgias já passa dos 100 mil. “Por incrível que pareça, sempre achei que seria melhor engenheiro que médico”, disse Jatene a ISTOÉ. Se isso, de fato, fosse possível, só nos resta lamentar o gênio da engenharia que o Brasil perdeu.

Os sons que deixam ansioso qualquer paciente, são músicas para o ouvido do Dr. Adib Jatene, seu dia a dia é lidar com um dos maiores desafios do ser humano: salvar vidas. Para isso, vive literalmente com o coração na mão. Com o coração do paciente, claro, porque o seu bate ritmado, confiante e obstinado.

Os anos de estudo, dedicação e trabalho árduo lhe dão confiança necessária para cada consulta, cada cirurgia. Mas é na essência da sua mãe que encontra força para viver em plenitude, como médico, marido, amigo, pai e avô.

Sua infância foi no Acre, onde nasceu em 1929. O filho mais novo de três meninos e uma menina. O pai, Domingo Jatene, deixou o Líbano aos dezesseis anos em busca de um mundo novo. Na época, o norte do país era um verdadeiro Eldorado, com a borracha e a castanha. Foi em uma visita à extração da borracha que contraiu a doença fatal, o caçula Adib tinha apenas 2 anos. Anice Dib Jatene, como toda árabe assumiu a casa e a família. Conseguiu um empréstimo para começar um pequeno negócio, e trabalhou incansavelmente para cumprir sua meta: formar os 4 filhos. Foi assim para estudar que o jovem Adib chegou a São Paulo, no colégio descobriu os esportes e passou a treinar como atleta e remador.

Em 1948, entrou sem cursinho na Faculdade de Medicina da USP. Residente dedicado, o jovem Adib trabalhou na equipe do professor Zerbini no Hospital das Clínicas.

A aproximação com o mestre mexeu com o coração do estudante, que logo se apaixonou pela área. Em 1952, se formou cardiologista. Quando optou pela medicina, Adib tinha um sonho: voltar para o Acre e cuidar da sua gente. Mas o destino quis que ele cuidasse de todos os brasileiros.

A sua contribuição para o avanço da medicina cardíaca é inestimável, são mais de cem mil cirurgias realizadas, centenas de trabalhos científicos publicados e citados na literatura. Desenvolveu o primeiro coração-pulmão artificial, entre outros aparelhos e instrumentos que facilitam o trabalho dos cirurgiões e melhoram a qualidade de vida dos pacientes.

Como Secretário de Estado e Ministro da Saúde contribuiu também para as políticas públicas de saúde. Esteve e continua à frente dos principais centros de referência em cardiologia como o Instituto Dante Pazzanese, HCor e a Fundação Adib Jatene de Bioengenharia. Entre os muitos títulos de honorarias no Brasil e no exterior, uma homenagem foi especial, em 2003, exatos cem anos depois de seu pai deixar país, Adib foi ao Líbano receber o prêmio Tatal Zein Award, honra concedida aos descendentes de libaneses que se destacam em suas áreas.

Adib (entrevista): “O sucesso se mede com o reconhecimento das pessoas, dos colegas de profissão”.

O doutor Adib Jatene conseguiu o que aprendeu ainda menino, o maior bem que uma pessoa pode receber - o reconhecimento.

O reconhecimento é um valor que o Doutor Jatene aprendeu com a mãe, no provérbio ensinado aos filhos:

Escreva na areia o mal que te fizeram,  
Grave no mármore o bem que recebeste.

\* \* \*

De agosto de 1955 até dezembro de 1957, foi trabalhar em Uberaba, MG, onde era Professor de Anatomia Topográfica da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Com seu pioneirismo, iniciou a cirurgia torácica na Região e foi lá também que construiu seu primeiro modelo de coração-pulmão artificial.

Em 1958, o professor Adib Jatene retornou à São Paulo, para o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e para o Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia da Secretaria de Estado da Saúde onde atuava como cirurgião. Nessa época, organizou um laboratório experimental e de pesquisa, onde desenvolveu e construiu o primeiro aparelho coração-pulmão artificial do Hospital das Clínicas e que evoluiu para um grande Departamento de Bioengenharia. Permaneceu nas duas instituições até 1961 quando deixou o Hospital das Clínicas, fixando-se exclusivamente no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia. Lá foi chefe do Laboratório Experimental e de Pesquisa, chefe de Seção de Cirurgia, diretor médico e diretor geral. Organizou a Oficina de Bioengenharia, onde foram estudados, planejados e desenvolvidos vários instrumentos e aparelhos, alguns originais. Essa oficina resultou, desde 1982, no Centro Técnico de Pesquisas e Experimentos.

Entre as várias contribuições originais na área de Bioengenharia, incluem-se os oxigenadores de bolhas e de membrana, a válvula de disco basculante, dos quais possui a patente. Estão sendo produzidos industrialmente sob licença e utilizados no País e exterior.

Tem também importantes contribuições no campo da cirurgia de revascularização do miocárdio e da cirurgia de cardiopatias congênitas. Ainda descreveu a técnica de correção de transposição dos grandes vasos da base, conhecida hoje como Operação de Jatene, a qual tem sido empregada, com sucesso, em vários Serviços de Cirurgia Cardíaca em todo o mundo.

O doutor Adib Domingos Jatene sempre foi um lutador incansável e, como não poderia deixar de ser, dedicou ainda parte do seu tempo no desenvolvimento de 272 trabalhos científicos publicados em revistas indexadas e 133 trabalhos publicados e citados na literatura. Com tantos trabalhos publicados, Jatene hoje é membro de 32 Sociedades Científicas de várias regiões do mundo e recebeu 178 títulos e honrarias de mais de 10

países. E em 1998 foi admitido na Ordem Nacional do Mérito Científico, na classe Grã-Cruz, tendo seu mérito reconhecido.

\* \* \*

Nos tempos de estudante, era frequentador assíduo do Clube Pinheiros, em São Paulo e praticava qualquer esporte que aparecesse. No primeiro ano de faculdade, bastou um veterano olhar o porte do calouro para perceber que tinha à sua frente um campeão. E foi taxativo: “Você vai fazer parte da nossa equipe de remo e não tem desculpas”. Como se ele quisesse se desculpar. Nos seis anos em que competiu pela USP, a equipe foi vencedora. Jatene tornou-se um dos alunos mais populares do curso, com direito a receber bilhetinhos melosos das colegas de turma. Mas foi Aurice, uma aluna de Nutrição, quem ganhou o sadio coração do estudante. Mais de 40 anos depois, o casal tem quatro filhos - três cirurgiões e uma arquiteta - e dez netos. A diversão do clã é se reunir na fazenda em Itajobi, interior de São Paulo, onde emprega 20 famílias e mantém uma creche. Aposentado da direção da Faculdade de Medicina da USP desde julho deste ano, opera no Hospital do Coração, na capital paulista. Mas para ser salvo pelas mãos mágicas do ilustre doutor, é preciso marcar com muita antecedência.

\* \* \*

Dos filhos, três também tem grande destaque na medicina cardiorácica brasileira e mundial: Fabio Jatene (n. São Paulo, 5 de março de 1955), Ieda Jatene (n. Uberaba, 9 de junho de 1956) e Marcelo Jatene (n. São Paulo, 9 de outubro de 1961).

~

*Síntese biográfica de Adib Jatene em homenagem feita no Esporte Clube Monte Líbano, em 25 de março de 2011. Os homenageados foram Violeta Jatene e Adib Domingos Jatene. A magnífica festa foi propiciada pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira.*

*Nota do Editor: Os fragmentos de homenagem a Adib Jatene foram extraídos pelo Prof. Aziz da Revista Isto É - O Brasileiro do Século, portal Nosso São Paulo ([www.nossosaopaulo.com.br](http://www.nossosaopaulo.com.br)).*

## **A República de 89 e o desafio do trópico à civilização brasileira**

*Gilberto Freyre*

A Monarquia, como sistema nacional de governo a que incumbisse cuidar da saúde da população, nunca aceitou de modo direto e franco o desafio do trópico úmido à civilização brasileira. Contornou-o sempre. A tarefa de aceitar de maneira incisiva essa espécie de desafio da parte de um espaço como o tropical - que aliás não deixou nunca de ser o aliado ele um tempo, ou de um ritmo de vida, se não contrário ao europeu, diferente do europeu - à civilização predominantemente européia que aqui vinha se desenvolvendo, desde o século XVI, com enorme sacrifício de vidas e de valores, foi tarefa que a República de 89 tomou sobre os seus ombros com um vigor que faltara ao Império.

Tal generalização não significa, porém, afirmar-se ou insinuar-se que só com a República houve no Brasil uma medicina e uma higiene, que procedessem de acordo com a situação tropical da gente brasileira, deixando de se conservarem, aqui, hierática ou academicamente européias. Essa tendência precedeu a própria organização do Brasil em sistema político independente do português. Mas foi então uma tendência da parte da ordem privada - como diria o professor Nestor Duarte; e não da pública. Da parte dos particulares; e não do governo.

De qualquer maneira foi uma tendência que caracterizou a época evocada neste ensaio, antes de haver-se verificado a substituição da

Monarquia pela República ou do trabalho escravo pelo livre; e tomando por vezes o aspecto de um como nacionalismo sanitário ou médico que se acentuaria na época republicana como programa ou atitude de governo. Nem sempre, porém, a definição ou a afirmação de semelhante forma de nacionalismo ou ecologismo ocorreu, antes ou depois de 89, de modo límpido ou puro. Várias foram suas expressões híoridas e até contraditórias: formas européias de curar ou de prevenir doenças adaptadas a conteúdos especificamente brasileiros. Às vezes confusão de formas: as européias com as brasileiras. Ou de formas com conteúdos: com conteúdos indígenas ou tropicais que, não tolerando adaptações de formas importadas do meio europeu, criavam suas próprias formas, perturbando ou desnordeando os médicos mais ortodoxamente europeus.

Dos menos ortodoxos, não poucos vieram se notabilizando, desde os grandes dias de Pedro II - os do esplendor do seu reinado - pela insistência em procurarem libertar o Brasil de produtos ou drogas européias, através da utilização em medicina ou em higiene de valores indígenas, tão bons, para certos objetivos médicos, quanto os europeus; e para males peculiares ao Brasil, ou aqui mais intensos, talvez superiores aos europeus. De modo que é esse um aspecto da fase de transição brasileira considerada neste ensaio, de modo algum desprezível do ponto de vista sociológico ou antropológico-social ou histórico-social.

É desse ponto de vista, que recordaremos algumas das práticas médicas ou higiênicas mais características da época que nos interessa evocar. Época - repita-se - mais de transição que de estabilização em suas normas sociais e de cultura. Entre essas normas, as médicas ou terapêuticas.

Contra as doenças parasitárias empregavam-se as substâncias que os doutores chamavam então antizimóticas. No curativo de feridas, muito se usavam as soluções de iodofórmio, de biclorureto de mercúrio, de ácido bórico. Os hospitais da época era ao que mais terrivelmente fediam: a iodofórmio.

No tratamento da infecção sifilítica, os ortodoxos não hesitavam: empregavam o mercúrio e o iodureto de potássio. A malária, tratava-se com os sais de quinino. A raiva, o carbúnculo e a varíola eram prevenidos pela vacina. Raras, ainda, as injeções. Mas desde o fim do século XIX que foi se acentuando contra a voga de remédios indígenas para o grande mal brasileiro que foi então a sífilis, a voga de injeções européias contra o mesmo

mal. Voga que culminou com o emprego do 606 e do 914. Germanismos que marcaram de modo sensacional a presença da Alemanha na terapêutica brasileira.

Contra várias doenças - as anemias, a escrofulose, as caquexias, o reumatismo - empregavam-se o ferro, o arsênio, o acônito, o fósforo, os óleos, a quina em massa, a linhaça, os vinhos. Vinham da Europa vinhos - o de Málaga e o quinado, por exemplo - e licores para anêmicos, convalescentes e doentes. Os fabricantes ou os importadores desses vinhos anunciavam que eram de particular eficácia contra doenças próprias do Brasil, do trópico, das florestas, dos seringais do Amazonas, das terras chamadas miasmáticas.

Muitas das receitas da época tiveram por base a tintura de sais de acônito, a noz-vômica, o calomelano, a jalapa, a água de louro-cereja, o extrato de beladona, o óleo de rícino, o xarope de flores de laranja, a infusão de jaborandi. Em casa preparavam-se os chás de sabugo, de pega-pinto, de mastruço, de cidreira. Vários outros: toda uma variedade de chás. Também os unguentos. Punha-se sobre brasas, para desinfetar quartos de doentes, o alecrim, usado também como chá, contra tosses, digestões difíceis, clorose. Do alho fazia-se cataplasma, constando de soldados covardes ou indispostos aos combates que o introduziam no ânus, a fim de produzir febre e ter baixa ao hospital. Empregado primeiramente, na época, como septicida, por médicos brasileiros como mestre Sousa Lima, da Bahia, foi a araroba. Ou “pó-da-bahia”.

De muito uso na medicina caseira, no período aqui evocado, foi a arruda; empregada pelas comadres nos partos, dada a sua capacidade de aumentar o poder contrátil do útero; e empregada também contra a suspensão de regras. Aos dentes cariados era comum aplicar-se o cravo. A caroba era utilizada no tratamento de banhos. O caiapó era o purgativo caseiro preferido por muitas mães de família, tendo merecido, com outros brasileirismos, a atenção da medicina oficial, através da tese de doutoramento médico que lhe consagrou J. M. de Castro e das análises a que o sujeitou em Paris o professor Gubler. Da época aqui considerada, foram também esforços brasileiros no sentido de substituir-se o choupo pela imbaúva como carvão de uso na terapêutica: imbaúva carbonizada que se verificou produzir o mesmo pó de carvão que o Belloc, “ficando o Brasil” - escreveu um médico do fim do século XIX - “livre dessa droga estrangeira, como devia acontecer

a um cento das drogas que sem razão nos vêm do estrangeiro, quando o Brasil é que podia exportar o excesso do seu consumo”.

Isto aliás acontecia com a matéria-prima - a borracha ou o caoutchouc de que na Europa se faziam sondas, bicos de mamadeira, pessários, meias elásticas, chapas de vulcanite para os maxilares, a cinta chamada hipogástrica, os suspensórios, as fitas elásticas, as bandas contrativas. E também profiláticos contra doenças venéreas, que passaram a ser vendidos ao lado das seringas.

Nenhum chá mais usado em casa, no Brasil, pelas mães de família da época, que o de laranjeiras: - contra dor de dente, dor de cabeça, defluxo. Também para acalmar as pessoas e fazê-las dormir: efeito obtido também com o maracujá. Enquanto os beribéricos eram tratados com banhos de folhas de pitangas. Empregava-se também o tropicalíssimo tamarineiro - a limonada de tamarindo - como laxante. A ipecacuanha juntamente com o óleo de rícino e a tintura de acônito constituía, segundo médicos da época, “a primeira medicina da maior parte dos lavradores e das mães de família brasileiras”. Muito era o uso que se fazia então no Brasil da ipecacuanha. Nas indigestões, nos embarços gástricos, nos excessos de bílis, nas febres paludosas, na tifóide, na própria febre amarela, nas diarréias chamadas serosas, também nas bronquites. Nas próprias hemoptises. Nos próprios envenenamentos.

La essa preciosidade - a ipecacuanha - quase toda para a Inglaterra, de onde o Brasil a recebia, sob a forma de remédio europeu, “por um preço exorbitante, sujeitando-se a um alto câmbio”. Entretanto, segundo Urias, uma estrada de ferro entre o Rio e a Província de Mato Grosso - de onde principalmente se extraía a ipecacuanha - faria sem dúvida cessar mais uma das aberrações de nossas finanças, obtendo os consumidores em todas as cidades e aldeias, a ipecacuanha importada diretamente e por baixo preço. Exploração inglesa? De modo algum: incúria brasileira. Incúria que se estendeu a outros artigos fabricados por europeus com produtos do Brasil tropical e que, com algum esforço, poderiam, desde o fim do século XIX vir sendo sistematicamente cultivados e industrializados no próprio território brasileiro.

Muito importante era que os remédios fossem acompanhados de dietas: caldos, canjas, papas, torradas, jejum. O clister imperava, tendo sobrevivido à voga da sangria. Clister de vários tipos: purgativos, calmantes, diuréticos,

cateréticos, febrífugos, excitantes, emolientes, mecânicos, alimentícios. Era o clister administrado por meio de seringas de borracha, de couro, de metal, de vidro. Nas doenças que afetavam as vias digestivas como a angina e o *croup*, recorria-se aos clísteres alimentícios, havendo alguns que eram verdadeiros jantares via anal: caldo de galinha ou de carne acompanhado de vinho branco.

Abusava-se dos purgantes e talvez dos remédios contra vermes ou lombrigas. Em certos casos, a administração desses remédios a todos os meninos da família, brancos e negros, nobres e escravos, senhores e servos, fazia-se em massa, em dias fixos do ano. Constituía esse uso parte da rotina patriarcal.

Temia-se o chamado “sereno da noite”. Temiam-se os pântanos chamados miasmáticos. Já no fim do período evocado neste ensaio é que se generalizou no Brasil, de norte a sul, e através principalmente de anúncios, quase sempre ilustrados, nos jornais, o uso de remédios já industrializados que, entretanto, se tornaram, quase tanto como alguns alimentos - o arroz, o feijão, o charque, a canja - elementos de unidade nacional de cultura, no sentido sociológico de cultura: a Emulsão de Scott, o Elixir de Nogueira, A Saúde da Mulher, o Bromil, o Sabonete de Reuter.

Começava o declínio da arte de formular: arte ortodoxa e quase sacerdotal com pequenas variações regionais. Também o declínio do prestígio do farmacêutico quase médico, cuja figura foi sendo substituída pela do vendedor de drogas industrializadas. O próprio declínio da letra chamada de médico: parte de uma aliança secreta e como que maçônica entre o médico que receitava e o farmacêutico que preparava com algum mistério os remédios.

Marca também o fim do período evocado neste ensaio, o começo do domínio, pelo Brasil, sobre doenças que até o próprio alvorecer do século XX foram grandemente devastadoras da população brasileira: a varíola; a febre amarela; a cólera-morbo; a bubônica; a tísica. Domínio que se conseguiu, em grande parte, através de maior higiene, quer pública, quer particular, nas capitais e no interior do País. Médicos ilustres começaram desde o fim do século XIX a advertir os brasileiros contra o perigo de só procurarem preservativos contra as doenças graves nas boticas, quando a defesa de adultos e, principalmente, de crianças, de males como o *croup*, estava também - ou principalmente - na observação de preceitos de higiene.

Daí, alguns médicos de família - e a época foi caracterizada pela importância do médico de família, cuja figura chegou até quase o fim do período aqui evocado, com alguma coisa de sacerdotal no próprio traje: a sobrecasaca quase talar e sempre negra, a cartola preta, as botinas pretas - terem se apurado em aconselhar os patriarcas de vida mais sedentária, residentes de sobrados, nas cidades, a fazerem exercícios ao ar livre: passeios, natação, exercícios, ginástica. Conselhos que se aplicavam principalmente às crianças linfáticas, filhos de pais tuberculosos; aos raquíticos, aos escrofulosos, aos obesos. Segundo Urias, os homens, as mulheres e as crianças no Brasil deviam, “regra geral”, fazer um exercício diário “pelo menos de 3 horas, expostos à direta irradiação solar”. Recomendava a “marcha cadenciada”, o trapézio simples e o duplo. Ao lado de tais exercícios, foi se afirmando a importância da hidroterapia.



*Transcrito de um trecho significativo e muito pouco lido do livro “Ordem e Progresso” de Gilberto Freyre (da 6ª Edição Revista, da Ed. Global - 2004). Do XIII capítulo, designado “A República de 89 e o desafio do trópico à civilização brasileira”.*

## **Prof. José Veríssimo da Costa Pereira (1904-1955)**

*Boletim Paulista de Geografia - AGB/SP*

No dia 6 de agosto do ano corrente, quando sobrevoava a Amazônia Ocidental, a meio caminho entre Benjamim Constant e Manáus, no cumprimento de missão que lhe fôra confiada pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, morreu o prof. *José Veríssimo da Costa Pereira*. Morreu como vivera nos últimos 30 anos - ao serviço da Geografia, que tanto amava e que tanto engrandecera. Seu grande coração parou para sempre menos de um mês após haver tomado parte ativa, com a cultura que conseguira acumular e com o brilho de sua invulgar personalidade, nos trabalhos da Décima Assembléia Geral da A. G. B., reunida em Garanhuns.

A Geografia brasileira está de luto, porque *José Veríssimo da Costa Pereira* era, sem nenhum favor, um de seus mais legítimos representantes. Nele se confundiam, de maneira harmoniosa e nada comum, o grande professor e o pesquisador arguto. Quem teve a ventura de ouvi-lo, em suas aulas ou nas conferências que pronunciou, na apresentação de relatórios ou nos debates em que tomou parte, pode testemunhar suas excepcionais qualidades de exposição e de método. Quem o acompanhou em pesquisas no campo há de recordar-se da maneira particular pela qual atuava e, principalmente, da sagacidade de suas observações. Acima de tudo, porém, o que notabilizava o prof. *José Veríssimo* era o domínio da bibliografia geográfica, sua sólida cultura, cimentada por longos anos de estudo e de meditação: conhecia êle,

a fundo, os ensinamentos dos mestres da Geografia Moderna, como estava perfeitamente em dia com tudo o que se publicava no país e no Mundo, dentro do sector de sua especialidade. Suas preferências voltavam-se para a Geografia Humana e Econômica, notadamente a Geografia Agrária; no entanto, discutia com inegável segurança problemas de Geomorfologia ou referentes ao clima e à vegetação. Era, sem dúvida alguma, um geógrafo completo.

Sua morte prematura e inesperada repercutiu de maneira a mais profunda, dolorosa e sentida no seio da Associação dos Geógrafos Brasileiros, cujo espírito e cujas finalidades compreendia como ninguém. Não há nenhum exagero em afirmar-se que, desde 1947 (quando entrou para a categoria dos sócios efetivos), sua figura ímpar se destacou na vida da A.G.B., dominando-a. Presidente em três períodos, soube organizar de modo notável três das mais importantes e frutuosas assembléias de nossa Associação - a de Belo-Horizonte (1950), a de Nova Friburgo (1951) e a de Cuiabá (1953), dando-lhes vida e entusiasmo, graças ao seu dinamismo contagiante.

Desde que entrou para os quadros da A.G.B. não faltou a nenhuma de suas assembléias anuais, embora muitas vêzes o fizesse com sacrifício de sua saúde e de seus interesses particulares. Sua presença bastava para encher de movimento e de animação as nossas reuniões, dando-lhes não apenas a contribuição de sua experiência, como também uma nota humana realmente indelével. Foi *José Veríssimo* quem organizou, através do Regimento Interno aplicado pela primeira vez em Belo-Horizonte, os trabalhos das assembléias nos moldes em que, em suas linhas mestras, ainda hoje se processam. Foi *José Veríssimo* quem, sem o mínimo prejuízo para a eficiência dos trabalhos, introduziu o hábito, hoje consagrado, de amenisar a dureza de nossas tarefas com a música de um piano (que êle tocava de forma pessoal e inesquecível) ou com as canções improvisadas, cheias da mais pura alegria. Foi *José Veríssimo* quem instituiu a “saudação agebeana”, já agora tradicional.

A A.G.B. conquistou de maneira total seu espírito de escol e seu imenso coração. Onde quer que atuasse - no Conselho Nacional de Geografia, que êle tanto amava e ao qual dedicara parcela substancial de sua vida; nas atividades do magistério, particularmente no Colégio Pedro II, onde se destacava entre os melhores professores; ou como técnico do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, para onde fôra levado exatamente

há um ano -, *José Veríssimo da Costa Pereira* não se esquecia da nossa Associação. Expunha suas finalidades, chamava a atenção para a obra que vem realizando, conquistava admiradores e fervorosos adeptos. Agiu sempre como um líder e, mais do que ninguém, compreendeu a posição representada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros como “resultante” das mais legítimas forças da moderna Geografia brasileira.

Quando visitava São Paulo, *José Veríssimo* sentia-se como se estivesse em sua própria casa, no meio de sua gente. Até aqui veio inúmeras vezes, ao serviço da A.G.B., a convite da direção da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo para examinar em concursos de doutoramento e de cátedra (merecida homenagem que recebeu dos paulistas ao seu valor pessoal, desde que não tivera a ventura de conquistar uma cátedra de ensino superior, embora figurasse entre os mais dignos de tal honraria), quando não subiu ao planalto apenas para matar saudades de seus muitos amigos, sinceros e fieis.

Por tôdas essas razões é que a Geografia nacional cobriu-se de luto e, com ela, de maneira especial, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, que viu tombar para sempre um de seus mais lídimos expoentes. Na personalidade inesquecível de *José Veríssimo da Costa Pereira* perdeu o Brasil um notável professor e um grande geógrafo. Para os membros da A. G. B., além do professor e do geógrafo, desapareceram o companheiro de horas felizes, o gênio dinâmico das assembléias anuais, o amigo de tôdas as horas, o coração que não sabia guardar máguas ou rancores, que tinha sempre uma palavra de bondade para os que dele se acercavam, que sabia estimular as vocações jovens, que era compreensivo e magnânimo com os que dele discordavam, a espelhar toda a grandeza de sua alma de eleição.

Nada mais justo, por conseguinte, que, profundamente feridos, reverenciemos neste momento a sua memória e o apontemos como exemplo para aqueles que hoje arcam com a responsabilidade de assegurar a continuidade e a sobrevivência de nossa agremiação.



*José Veríssimo da Costa Pereira* nasceu no dia 1º de outubro de 1904 em terras do município de Paraíba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, sendo seus pais o Sr. José da Costa Pereira e D. Belarmina Guimarães Pereira. Sua

infância e adolescência ele passou na cidade de Três Rios (antiga Entre-Rios), também naquele Estado.

Ainda moço tomou contato com as obras de Vidal de la Blache, Jean Brunhes, Camille Vallaux e Emmanuel de Martonne, graças à biblioteca de um amigo culto, que a procura de um bom clima havia conduzido até Paraíba do Sul. Por isso mesmo, logo que terminou seus estudos secundários, dedicou-se ao ensino da Geografia, com o entusiasmo que o caracterizava e sempre dentro das modernas diretrizes. Notabilizou-se, sem demora, como professor, quer em cursos particulares, quer nos melhores estabelecimentos de ensino da Capital da República, como o *Colégio Ottati*, o *Instituto de Ensino Secundário*, o *Colégio Santo Antônio Maria Zacaria*, o *Colégio Santo Inácio*, o *Colégio Anglo-Brasileiro*, o *Colégio São Fernando*, o *Colégio Aldridge*, o *Colégio Andrews*, o *Colégio Rezende*, etc. Em nível superior, lecionou na *Faculdade Fluminense de Filosofia*. No magistério oficial, foi professor de Geografia no *Colégio Universitário* e, em seguida, no *Colégio Dom Pedro II* (Departamento de Botafogo), onde lecionava quando a morte o colheu.



*Biografia sintética de José Veríssimo da Costa Pereira (1904-1955) publicada no Boletim Paulista de Geografia - AGB-SP, nº 21 (outubro de 1955). Lembrando que o Professor Veríssimo foi o maior incentivador da moderna Geografia no Brasil.*

## AS FEIRAS REGIONAIS

*Pasquale Petrone*

**Generalidades.** — Um dos aspectos mais sugestivos da vida econômica da região do Cariri é a feira. Realizada semanalmente, aparece, com maior ou menor importância, em todas as cidades da região.

\* \* \*

**A feira do Crato.** - No Cariri, as mais importantes feiras são as do Crato e de Juazeiro do Norte. Entretanto, a primeira é a mais conhecida, a mais tradicional, com maior volume de negócios. Fróes Abreu, referindo-se às cidades que se tornaram famadas pelo movimento de suas feiras, após citar Campina Grande como a maior da Paraíba, lembra que “no Ceará é celebre a feira do Crato, onde são vultuosas as vendas de rapadura, farinhas e cereais”. Hoje, o Crato ainda possui a feira indiscutivelmente mais movimentada do Cariri e, possivelmente, de todo o Ceará.

Um dia de feira no Crato amanhece com movimento fóra do comum. Por todas as principais vias de acesso à cidade chegam tropas ou comboios de jumentos carregados com o produto a comerciar. No lombo carregam principalmente sacos com farinha ou cereais, caixas com rapadura, balaios com frutas. Pelo número de animais pode-se aquilatar da importância do vendedor. É bastante comum o aparecimento de pequeno sitiante, ou mesmo do “morador” ou agregado, acompanhado por um a três jumentos, quase

sempre carregados com cereais, farinha ou frutos. De outros municípios e, mesmo, dos Estados vizinhos, chegam caminhões carregados, que deverão regressar com carga de produtos da região. Até aproximadamente 7-8 horas, instalam-se barracas, tabuleiros ou simplesmente empilha-se a mercadoria ao longo da rua. Dessa hora em diante, têm início os negócios e, durante o dia todo, a cidade como que se transforma em um grande mercado. As ruas e praças, ocupadas pelos vendedores, e os logradouros vizinhos adquirem um movimento extraordinário. Formigam de gente. Os pregões dos feirantes, a algazarra dos moleques a tocar os jumentos, o ronco de motores e o buzinar dos caminhões, gritos de carregadores que pedem passagem no seio do povaréu, o canto do esmolér cego, os aplausos, exclamações e murmúrios de admiração pelo contorsionista que se exhibe em meio a ampla roda de curiosos, tudo fornece à cidade uma agitação insólita, uma aparência de confusão, tudo é pitoresco e desordenado. Em torno das barracas, das banquinhas de madeira, das pilhas de rapaduras ou pirâmides de frutos, junto a um lote de animais, negocia-se, discutindo animadamente, quase sempre em altas vozes. Os cafés e botequins, as barraquinhas e tabuleiros ficam repletos de freguêses. A maioria, regra geral, é de fóra da cidade. Geralmente são sítiantes dos arredores e municípios vizinhos, particularmente Juazeiro do Norte, Missão Velha e Barbalha. Todavia, não é raro encontrar pernambucanos, paraibanos e mesmo riograndenses do norte. Em certos casos, no Crato assim sucede, grupos numerosos formam-se em torno de banquinhas de jogos, cêrca de uma dúzia, ou, então, junto ao tiro ao alvo. Há uma desenfreada jogatina ao ar livre, em que, frequentemente, o caboclo perde quanto conseguiu com a venda do produto que trouxe para a feira.

Vende-se e, com frequência, troca-se de tudo nessas feiras. Entretanto, dominam os produtos regionais. Os diferentes tipos de mercadorias são expostos com uma certa ordem pelas ruas e praças da cidade. Na rua João Pessoa, entre a Praça Siqueira Campos e Praça Juarez Távora, dispõem-se principalmente as barracas de farinha e, secundariamente, as de cereais. Nota-se que não existem balanças; todo o comércio é ainda efetuado adotando-se antigas medidas de capacidade. Na rua Bárbara de Alencar, entre as ruas João Pessoa e Santos Dumont, localizam-se as barracas de miudêzas e missangas, onde se vendem rosários, colares, pentes, sabonetes, perfumes, facas de ponta, facões, rendas, figas, alfinetes, espelhos, fitas,

etc. Na, mesma rua, e em, parte da rua Santos Dumont, dispostas as mercadorias em tabuleiros ou esteiras de palha de carnaúba pelo chão, vendem-se sementes, raízes de paus medicinais, figas, mesinhas, pitos de barro, tempêros, chocalhos. Na rua Santos Dumont, até a rua José de Alencar, aparecem pirâmides de frutas, principalmente abacaxi, piqui, ciriguela, umbú, manga, mangaba, abacate, lima, ananás, banana e outras; aí também vendem-se abóboras e, um pouco separados, estão os vendedores de cêstos e balaíos. Na rua Bárbara, de Alencar, desde João, Pessoa até Tristão Gonçalves, enfileiram-se as barracas de calçados. São sapatos, botinas, e, principalmente, alpercatas e sandálias. Na rua Senador Pompeu, em direção à Praça Siqueira Campos, estão os vendedores de rêdes e de louças de barro; para os lados da praça Juarez Távora, aparecem pilhas de “tijolos” de rapadura. Na esquina da rua Santo Dumont com José de Alencar, agrupam-se os vendedores de gaiolas e pássaros. Próximo ao rio, no fim da rua Bárbara de Alencar, ficam os animais dos feirantes; aí negocia-se, por compra a dinheiro ou por simples troca, cavalos, jumentos, mulas e porcos. Em frente, localiza-se o mercado de carne. É aí também que se enfileiram as banquinhas de jogos. No largo que existe nessa parte da cidade e em outros trechos, estacionam, à espera de mercadorias e passageiros, “sôpas” e principalmente, caminhões e “mixtos”, de Salgueiro, Icó, Caicó, Natal, Campina Grande, etc.



*Transcrição de um segmento do trabalho de Pasquale Petrone sobre a região dos Cariris Novos, enfocando uma das mais típicas feiras do interior do Nordeste: “A feira do Crato” (Boletim Paulista de Geografia, nº 20 – julho de 1955). Minuciosas observações de campo, escritas na melhor linguagem cultural conseguida por geógrafos brasileiros.*



## A CIDADE DE SÃO PAULO

*Caio Prado Jr.*

São Paulo compõe-se hoje de um núcleo central que ocupa o maciço cercado pelas várzeas do Tietê, do Tamanduateí e do Pinheiros; e de uma auréola de bairros que se instalaram numa parte destas várzeas, e, transpondo-as, vão alargar-se pelas elevações da outra margem. Bairros que nasceram, em sua grande maioria, ao acaso, sem plano de conjunto; frutos da especulação de terrenos em “lotes e prestações” - o maior veio de ouro que se descobriu nesta São Paulo de Piratininga do século XX. Desenvolveram-se muitas vezes, o mais das vezes mesmo, não porque o local escolhido fosse o melhor ou respondesse mais às necessidades imediatas da cidade, mas simplesmente porque eram vendidos com facilidades maiores de pagamento ou acompanhados de propaganda mais intensa ou mais hábil. As terras que cercavam São Paulo quando se deu o surto atual, que começa nos últimos anos do século passado, estavam praticamente abandonadas. Os especuladores de terrenos, adquirindo-os a preço baixo (ou a preço nenhum pelo tão difundido sistema do “grilo”, que é a ocupação pura e simples sem título algum), não tiveram mais que traçar as ruas, às vezes no papel apenas, e passá-los aos compradores, que o crescimento considerável e vertiginoso da cidade fornecia em abundância. E como cada qual cuidava naturalmente apenas do seu, permanecendo os poderes públicos numa indiferença completa, aconteceu o que era fatal: bairros

desarticulados e desordenadamente distribuídos, que mesmo quando traçados internamente com algum critério - o que aliás raramente foi o caso - não se ligam entre si, não fazem ao menos corpo com a cidade dentro de um sistema lógico e de conjunto. Surgindo como surgiram, da noite para o dia, ao acaso das conveniências ou oportunidades da especulação, não são em regra contíguos, sucedendo-se ininterruptamente, como seria numa cidade planejada: espalham-se por aí à toa, fazendo sucessão de áreas urbanizadas com interrupção de outras completamente ao abandono, onde muitas vezes nem ao menos uma rua ou caminho transitável permite o acesso direto. Pode-se dizer que salvo na sua parte central que ocupa o maciço, e na vizinhança imediata dele, São Paulo é uma cidade que ainda espera ser urbanizada, no sentido integral da palavra; espera ser organizada, que todas suas partes se integrem num sistema geral de comunicações e vias públicas, onde os melhoramentos e serviços, como seria elementar, se estendam homogeneamente sobre toda a área ocupada. Está aí, certamente, o maior programa de obras urbanísticas que São Paulo hoje apresenta.

Quanto à distribuição dos tipos de setores urbanos dentro da cidade, o *zoning*, já referi em linhas gerais como ele se fez. O seu traço mais saliente e característico é esta divisão que se estabelece entre o maciço, onde ficou o centro comercial, o setor residencial das classes médias - que começam ultimamente a se aglomerar em torno do centro, nos grandes prédios modernos de apartamentos, feição que São Paulo só conhece de vinte anos para cá - e à medida que se vai em direção sul, subindo o espigão e descendo depois sua vertente oposta, das classes superiores, numa gradação quase perfeita (os terrenos residenciais mais caros de São Paulo são hoje os da Avenida Paulista); e doutro lado, as baixadas do Tietê e do Tamanduateí, bem como das elevações da outra margem que acompanham, ocupadas pelas classes proletárias; ambos estes setores separados por uma cintura de indústrias que envolvem as linhas de estrada de ferro, bordando a base do maciço.

Concluindo, pode-se dizer que a estrutura da cidade de São Paulo foi grandemente influenciada pelos fatores geográficos, sobretudo o relevo e os cursos de água, que lhe marcaram profundamente a fisionomia. O primeiro, pelo acidentado deste maciço que se escolheu como berço da cidade, bem como da região circunvizinha, com exceção apenas das baixadas dos grandes rios que a banham, fez de São Paulo uma cidade das ladeiras, cujo

declive acentuado longos e penosos trabalhos de urbanização conseguiram apenas, e só em poucos casos, suavizar. Raras são as ruas mais ou menos planas da cidade, salvo aquelas que percorrem transversalmente alguma encosta mais uniforme, ou as que pertencem aos bairros que ocupam as baixadas dos rios. O mesmo acidentado da topografia determinou também este outro traço característico e já referido, que são os viadutos; a cidade já conta com cinco de grande vulto; outros muitos estão em projeto, e o seu número tenderá sempre a crescer: o modelado do terreno o impõe. A cidade acabará com um verdadeiro sistema completo de vias públicas suspensas que lhe emprestará um caráter talvez único no mundo. Com os viadutos virão os túneis: um já atravessa o espigão mestre da cidade, comunicando o centro comercial, pelos vales do Anhangabaú e Saracura, com os bairros da várzea do Pinheiros; outros se tornarão com o tempo indispensáveis, e será este mais um traço original de São Paulo que, com o outro, fará dela uma cidade dividida em dois planos sobrepostos, cidade de dois pavimentos.

Os cursos d'água tiveram um papel ainda maior. As grandes várzeas formadas pelos três principais oferecem, de um lado, terrenos planos inexistentes noutra parte da região onde está localizada a cidade, e foram por isso aproveitadas, como vimos, para a instalação das linhas de estrada de ferro, o que determinou o desenvolvimento aí dos setores industriais da cidade. Doutra lado, os seus pontos mais sujeitos às enchentes periódicas foram evitados e contornados; daí estes claros que interrompem a cidade, e fazem o transeunte tão freqüentemente estacar surpreso, na extremidade de uma rua densamente povoada e movimentada, diante de um pântano ou largas extensões vagas, onde, num conjunto puramente rural, vagueiam soltos animais domésticos, vacas, burros, cabras, ou aparece alguma pequena cultura de hortaliças. Aspecto semelhante se observa no próprio coração da cidade, neste outro setor que ocupa o maciço central; já referi os claros que aí abrem os vales de vertentes abruptos do Anhangabaú e seus afluentes. E o mesmo se observa nesta auréola de bairros esparsos que circundam o núcleo central da cidade. Tudo isto faz de São Paulo uma cidade descontínua, em que se alternam, num caos completo, aspectos de grande centro urbano, modesto povoado de roça, ou mesmo zona de sertão. O progresso da cidade vai naturalmente suprimindo tudo isto, e a urbanização vence, aos poucos, aqueles obstáculos naturais e outras dificuldades que o crescimento fulminante da cidade não teve tempo de

abater, preferindo contorná-los e deixá-los provisoriamente entregues à sua feição natural. Tempo virá em que São Paulo, contínuo e homogêneo, será apenas a monotonia de um grande centro moderno. Mesmo, contudo, os antigos cursos d'água, sumidos em canalizações subterrâneas ou represados em leitos de cimento e pedra, estarão ainda aí, seja no acidentado da topografia, por eles esculpida, seja no traçado das ruas e avenidas, cujas linhas mestras serão sempre estas grandes vias que acompanham, como as velhas estradas do São Paulo quinhentista, os espigões, ou o fundo dos vales; saltando por pontes as escarpas mais abruptas, ou varando-as por túneis.



*Transcrição do resumo do trabalho de Caio Prado Júnior, editado pela Editora Brasiliense (SP), sob o título de “A Cidade de São Paulo – Geografia e História”. Caio Prado teve uma excelente formação em História e Geografia Humana. Foi um intelectual pioneiro da Faculdade de Filosofia da USP. Seus trabalhos passaram a ser dos mais relevantes e lidos.*

## **VIAGEM À SERRA DA MANTIQUEIRA** **Campos do Jordão e São Francisco dos Campos** *Dr. Teodoro Sampaio*

Da cidade de Lorena, onde estamos observando este panorama de montanhas, o horizonte estreito compensa-se pelo alevantado dos montes que convidam a imaginação para a escalada dos céus. À nossa frente temos a Mantiqueira, coroada dos mais altos picos do Brasil, pelas costas e ao sul as últimas dobras da serra de *Quebra-Cangalhas* como um socorro do planalto da Bocaina.

Lorena, apesar dos seus dois séculos de existência, é ainda uma cidade pequena. Assentada à margem direita do Paraíba que lhe cavou em frente dois largos braços pouco profundos e a 526 metros de altitude, a cidade, não obstante as suas ruas estreitas e um tanto irregulares, não é destituída de interesse, tem excelente Igreja que vale por uma catedral, obra do nosso melhor arquiteto, o paulista Ramos de Azevedo, a Igreja de S. Benedito, pequeno templo de gosto muito moderno, o edifício do Engenho Central, a casa da Câmara e alguns prédios particulares de largas proporções.

Lorena não tem as ruas calçadas, não tem água canalizada, nem serviço algum de esgotos, mas conta o seu jardim público, bem regular, muitas chácaras com boa vegetação no interior da cidade, um bom cemitério, servido por bela avenida de palmeiras-reais e ao redor uma esplêndida planície, seca e ampla onde as construções se podem estender sem limites.

Tínhamos chegado a Lorena às 11 horas e 20 minutos da manhã de 25, gastando de S. Paulo até aqui cerca de 5 horas.

O Barão da Bocaina, em cuja casa nos hospedamos, levou a sua amabilidade ao ponto de nos acompanhar a todos num passeio pela cidade, tomando a si o incômodo dos aprestos para a viagem aos campos de cima da serra.

O seu digno irmão, o Dr. José Vicente de Azevedo, esforçado campeão nas lides da instrução da infância desamparada, aqui mostrou-nos o colégio dos Salesianos, estabelecimento de ensino profissional dos mais úteis, e a que desejamos a maior prosperidade em benefício da educação popular.

No dia seguinte pelas 5 horas da manhã saímos de Lorena, transportados em troles puxados por valentes muares e chegávamos com rápido percurso de seis quilômetros à fazenda do Campo, à margem do ribeirão do Ronco, propriedade de d. Angelina Moreira de Azevedo.

Depois de breve demora para tomarmos animais de montada, seguimos 10 quilômetros por excelente estrada de rodagem para o Piquete, pequena e novíssima vila, na base da serra, centro de um território muito fértil e ricamente dotada de abundantes e cristalinas águas que aí formam rumorosas cachoeiras no trajeto pelo povoado.

O Piquete, distante de Lorena 16 quilômetros e apenas 60 metros mais alto do que ela, em sítio cujo relevo topográfico não é dos mais favorecidos, não se distingue senão pelo aspecto da paisagem que o rodeia.

Modestas casas ao longo de ruas tortuosas e desniveladas que a pequena Igreja domina do alto de uma colina, algumas fazendas de risonha aparência com pastagens extensas que vêm morrer à entrada do povoado, eis o que é o Piquete, onde tanto nos obsequiou a delicada hospitalidade do Tenente José Mariano, a alma criadora do lugar.

Montes de encostas revestidas de possantes matas, ou calvos pela mão operosa do plantador, cingem de mais próximo o horizonte que vai morrer de todo no paredão verde-negro da serra, agora profundamente retalhada.

O ar é já puríssimo. A viagem, conquanto o sol de verão já nos esteja castigando, aprazível e amenizada por numerosa e seleta companhia.

Eram 11 horas quando encetamos a subida da serra, pelo caminho aberto pelo Barão da Bocaina através do vale do Benfica.

Depois de 16 quilômetros de percurso, com pequenas pausas para beber da água puríssima e gelada que verte da encosta a cada momento, correndo

precípites entre blocos de granito, chegamos às 3 horas da tarde ao alto da serra, onde atingimos então 1720 metros sobre o nível do mar.

Belíssimo panorama o que se descortina do alto destes montes, quase a topetar com as nuvens! A encosta que acabamos de vencer rasga-se-nos aos pés em abismo profundo de onde apenas emerge o cimo do mais alto arvoredor.

Um pouco adiante os contrafortes da serra, em dobras sucessivas, declinam-se até confundirem-se na planície verde-terra onde reluzem, ao sol da tarde, manchas alongadas e multiformes que são as voltas ou meandros do Paraíba lá embaixo.

As vilas, os povoados, as fazendas, as casinhas brancas, isoladas do roceiro, e esses enormes penachos de fumo que se levantam das queimadas, formam diante de nós um painel de indescritível beleza.

A vegetação expande-se luxuriosa na variedade das espécies e na beleza das formas: aqui o cedro de tronco robusto, a peroba alevantada, a imbaúba, a “cecropia” dos botânicos, de tronco ereto e esbranquiçado, os galhos abertos em candelabro e as folhas brancas como manchas estreladas no verde-escuro da mata, o feto arborescente, a palmeira esbelta e distinta, as inúmeras melastomáceas com as flores roxas de modesta beleza, as “fúcias” vulgarmente conhecidas por “brincos-de-princesa”, as bromélias invadindo os grossos troncos de árvores envelhecidas-que elas ornem dos tons vivos de amarelo-escarlate, as orquídeas e dentre as muitas variedades de gramíneas a taquara mimosa e flexível do “caraá” envolvendo a mata num manto rendilhado de mágicos efeitos.

No alto da serra a paisagem modifica-se. O terreno rasga-se profundo em sulcos numerosos, alguns de 180 a 200 metros mais baixos do que o nível geral do planalto.

Os montes levantam-se revestidos de vegetação desigual. De ordinário a encosta de sueste apresenta-se coberta de espesso mato de onde emergem em linhas aprumadas os belíssimos espécimes do pinho-brasileiro (*araucaria brasiliensis*), e na oposta face os campos a que a grama rasteira e mimosa empresta os tons alourados das messes de trigo.

Estamos na linha das divisas dos dois ricos Estados. As terras paulistas descambam bruscas pela encosta com águas precípites e ruidosas que vão ao Paraíba, as mineiras estendem-se por dobras sucessivas formando essa platéia de montanhas intervaladas por potentes ribeirões, por cima das

quais ainda se divisam em longínquo horizonte as serras alongadas do vale do Sapucaí e do rio Grande.



*Transcritos do pequeno e importante livreto intitulado “Viagem à Serra da Mantiqueira”, publicado pela Editora Brasiliense em 1978 (SP). Observações de campo, incluindo o itinerário que se estendeu de Lorena (médio Vale do rio Paraíba), até a cimeira do altiplano de Campos do Jordão. Em linguagem deliciosa.*

## O legado de Delgado de Carvalho para a Geografia do Brasil [Fragmento]

*José Veríssimo da Costa Pereira*

*O trabalho de renovação do ensino geográfico e a contribuição de Delgado de Carvalho* - O quadro pungente do ensino da geografia, descrito e criticado com erudição por Rui Barbosa, continuou praticamente o mesmo até o terceiro decênio do século atual. Se não havia o ensino geográfico em nível superior, no secundário a orientação seguida era a pior possível. Os métodos pedagógicos eram antiquados, a matéria geográfica absolutamente enfadonha, os livros péssimos. Com exceção de poucos, como Temístocles Sávio no Colégio Militar, todos os compêndios eram realmente insatisfatórios. Naturalmente houve algumas exceções entre as quais é justo destacar os de Homem de Melo que, infelizmente, jamais teve boa acolhida por parte de professôres sem boa formação cultural geográfica e pedagógica. Não obstante a rotina dos compêndios obsoletos, Delgado de Carvalho publicava, em 1913 sem grande êxito, na prática, um modelo de trabalho didático, vazado em processos de ensino franceses e escrito com um poder de síntese e clareza admiráveis. Trata-se de sua “Geografia do Brasil”, Tomo 1, Geografia Geral, precedida de uma *Introdução* do autor na qual êle mostra em que realmente devia consistir o ensino e a matéria a ser versada num livro didático de feição moderna. Até os dias atuais, êsse pequeno trabalho geográfico de Delgado de Carvalho constitui o texto de ensino melhor urdido e escrito para os estudantes brasileiros. No período

de 1900 a 1930, o único livro didático que com êle se pôde comparar, pelo método, apresentação e segurança na matéria, foi a “Geologia Elementar” de Branner, compêndio que, ainda hoje, constitui uma sólida base para quantos queiram iniciar-se nos estudos de geografia física, particularmente do Brasil.

Não obstante a existência de atlas relativamente bons, como os de Lomelino Carvalho, que vinha de 1882, já revisto pelo Barão Homem de Melo e o Coronel Pimenta Bueno; apesar do “Atlas do Império do Brasil”, datado de 1889, e vinte e três anos depois remodelado e correto na “Geografia-Atlas do Brasil”, ambos de autoria do próprio Homem de Melo; a despeito da publicação em 1909, do excelente Atlas de Teodoro Sampaio, o ensino secundário continuou a ser ministrado sem qualquer recurso aos mesmos e a importantes veículos de conhecimentos geográficos. Sòmente uma reforma radical do Ensino Secundário e Superior teria fôrça para imprimir rumo certo à educação geográfica no país. As idéias reformadoras tiveram, porém, em Delgado de Carvalho, principalmente, um paladino, culto e denodado. Através de livros, conferências, artigos, entrevistas orais, cursos, conseguiu finalmente êsse ilustre brasileiro fazer valer o acêrto de suas opiniões e a vantagem, para o melhor conhecimento do Brasil, do emprêgo de métodos que aprendera na Europa e observara em diferentes países. Além da obra inicialmente referida, a sua “Geografia do Brasil” e, sobretudo, a sua “Metodologia do Ensino Geográfico” (1925) marcaram o início de uma nova e promissora época para o ensino da geografia, particularmente em grau secundário. Todavia, o ilustre educador não escreveu apenas livros didáticos. Em 1908 deu à publicidade “Un centre économique au Brésil” e, em 1910, “Le Brésil Meridional”. Nesses trabalhos fêz sobretudo estudos econômicos, mas nêles deixou subsídios geográficos de interêsse, cumprindo acrescentar que quase tôdas as informações foram colhidas diretamente sôbre o terreno. Mais tarde, colaborando na obra de Arrojado Lisboa, no Nordeste, inteligentemente aproveitou as séries pluviométricas da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas para organizar o “Atlas Pluviométrico do Nordeste”, um trabalho muito bem feito e da maior utilidade para os geógrafos (1923-1924). Ao ministrar um curso de geografia econômica e de geografia do Brasil, nas Escolas de Intendência e do Estado-Maior do Exército, durante dez anos (1921-1931), elaborou a “Fisiografia do Brasil” (1922), que compendia os ensinamentos

hauridos nas melhores fontes então existentes sôbre a geografia e geologia do país. Outras contribuições foram escritas por Delgado de Carvalho que, em suas obras, principalmente didáticas, usou racional e objetivamente as estatísticas, os gráficos e as fotografias, de caráter geográfico, acompanhadas dos competentes comentários. A divisão regional do Brasil, que elaborou, valendo-se de uma despretenhosa esquematização do filólogo e gramático Said Ali, e apoiado na divisão fitogeográfica de Saint-Hilaire, serviu de base para o estudo da atual divisão regional do país, aprovada pelo govêrno, e levada a efeito pelo geógrafo Fábio de Macedo Soares Guimarães, do Conselho Nacional de Geografia.



*Fragmento do trabalho de José Veríssimo da Costa Pereira, intitulado “A Geografia no Brasil”, publicado no importante livro de Fernando de Azevedo sobre “As Ciências no Brasil” (Editora Melhoramentos, SP – 1955). No artigo mestre Veríssimo fala sobre Delgado de Carvalho, grande mestre que o antecedeu. O livro mater de Fernando de Azevedo é de leitura obrigatória.*



## **Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais (1930)**

*Franz Boas*

Pretendo falar sobre alguns problemas de metodologia nas ciências sociais. Permitam que me restrinja àqueles aspectos com os quais tenho de lidar na condição de antropólogo.

Como Simmel corretamente assinalou, o desenvolvimento das ciências sociais é amplamente tributário da tendência geral de nosso tempo, ao enfatizar as inter-relações entre os fenômenos da natureza, bem como as tensões sociais que se desenvolveram em nossa civilização. Reconhecemos que o indivíduo só pode ser compreendido como parte da sociedade à qual pertence, e que a sociedade só pode ser compreendida com base nas inter-relações dos indivíduos seus constituintes. Em tempos passados, a psicologia experimental baseava-se na suposição de que o indivíduo existe *in vacuo*, e que as atividades mentais estão essencialmente alicerçadas sobre o funcionamento organicamente determinado da estrutura do indivíduo. Essa atitude contrasta admiravelmente com a visão mais moderna, que exige uma compreensão de como o indivíduo, mesmo o mais jovem, reage ao seu ambiente geral, particularmente ao social. Os problemas das ciências sociais são desse modo facilmente definidos. Eles se referem às formas das reações dos indivíduos, isoladamente e em grupos, aos estímulos externos, às interações entre eles próprios e às formas sociais produzidas por esses processos.

É possível isolar várias tendências sociais aparentemente válidas em geral, assim como estudar as formas pelas quais elas expressam a si mesmas como suas bases psicológicas. Desse modo, podem-se estudar a coordenação e a subordinação dos seres humanos, a solidariedade dos grupos sociais e o antagonismo contra os de fora, a imitação de formas estrangeiras e a resistência a influências externas. Os resultados podem ser apresentados como um sistema das formas desenvolvidas sob essas tensões, ou de uma psicologia social, na qual as formas são analisadas tendo por base sua motivação psicológica.

Essas tentativas apóiam-se na pressuposição de tendências sociais geralmente válidas. Há uma questão, contudo, que cumpre responder antes de se tentar fazer a síntese delas: que tendências sociais são características genericamente humanas? É fácil nos confundirmos a esse respeito. Muito do nosso comportamento social é automático. Uma parcela pode ser instintiva, isto é, organicamente determinada, mas a maior parte está baseada em respostas condicionadas, isto é, determinadas por situações tão persistentes e que nos foram inculcadas desde tão cedo, que não estamos mais conscientes da natureza do comportamento - e geralmente também não temos consciência da possibilidade de um comportamento diferente. Assim, um exame crítico do que é válido em geral para toda a humanidade e do que é válido especificamente para diferentes tipos culturais torna-se um assunto de grande interesse para os estudiosos da sociedade. Esse é um dos problemas que nos levam a enfatizar em particular o estudo de culturas o mínimo possível relacionadas historicamente com a nossa própria. Tal estudo nos habilita a determinar aquelas tendências que são comuns a todo o gênero humano e as que pertencem apenas a sociedades humanas específicas.

Outro panorama abre-se quando perguntamos se as características da sociedade humana são ainda mais amplamente distribuídas, podendo ser encontradas também no mundo animal. É possível observar relações de indivíduos ou de grupos de indivíduos a partir de três pontos de vista: relações com o mundo exterior orgânico e inorgânico; relações entre membros do mesmo grupo social; e aquilo que, na falta de termo melhor, pode ser chamado de relações subjetivamente condicionadas. Por esse termo entendo aquelas atitudes que surgem gradualmente ao atribuímos valores e significados às atividades: boas ou más, certas ou erradas, belas ou feias, intencionais ou causalmente determinadas.

As relações com o mundo exterior orgânico e inorgânico são estabelecidas sobretudo pela obtenção da subsistência, pela proteção contra os rigores do clima e por limitações geográficas de vários tipos. As relações entre membros de um mesmo grupo social incluem os relacionamentos entre sexos, hábitos de constituição de grupos sociais e suas formas. Obviamente esses aspectos da vida humana são compartilhados pelos animais. Suas necessidades alimentares são biologicamente determinadas e ajustadas ao ambiente geográfico no qual vivem. Há obtenção e armazenagem de comida tanto entre os animais quanto entre os homens. A necessidade de proteção contra o clima e os inimigos também opera na sociedade animal, e são muito comuns os ajustamentos a essas necessidades, na forma de ninhos ou tocas. As relações entre membros de grupos sociais não estão menos presentes na vida animal, pois existem sociedades animais de estrutura diversificada. Parece, portanto, que um considerável campo de fenômenos sociais de modo algum pertence apenas ao homem, sendo compartilhado com o mundo animal. A questão que precisa ser respondida então é: quais os traços comuns às sociedades humanas e animais?

O grande abismo entre o comportamento social animal e o humano aparece apenas naquilo que chamamos de relações subjetivamente condicionadas. Mesmo aqui o abismo não é absoluto. Amor paterno, subordinação do indivíduo às necessidades sociais, proteção da propriedade individual ou social também podem ser observados no comportamento dos animais, e não parece possível distinguir claramente, a esse respeito, entre a base psicológica do comportamento animal e a do humano. Mesmo aquilo que designamos na sociedade humana como invenções e fruição do belo podem não estar completamente ausentes entre os animais.

Se afirmamos que o comportamento animal é em grande parte instintivo, queremos dizer que muito dele é organicamente determinado, e não aprendido. Contudo, sabemos que os animais aprendem, e que certos padrões do comportamento que eles apresentam são a expressão de ajustamentos adquiridos.



*Transcrição parcial do trabalho de Franz Boas sobre metodologia nas ciências sociais, do livro Antropologia Cultural - “Textos selecionados, apresentação e tradução: Celso Castro”. Jorge Zahar Editor, RJ.*

*Homenagem ao mestre de Gilberto Freyre (EUA).*

## **ENSAIO SÔBRE O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO FUNCIONALISTA NA SOCIOLOGIA [Fragmento]**

*Florestan Fernandes*

Do organicismo aos nossos dias, a interpretação funcionalista tem sofrido contínuas transformações na sociologia. Examinadas lógicamente, essas transformações refletem: a) a tendência a uma progressiva adequação conceptual da palavra “função” à realidade que deve descrever sociologicamente; b) a lenta substituição de uma concepção intelectualista da vida social (que introduzia uma grande unidade na sistematização dos problemas da sociologia e que imprimia ao raciocínio sociológico um alto nível de abstração, mas não levava em conta as exigências indutivas do método científico), por uma concepção positiva da vida social, que orientou os interesses fundamentais da sociologia para investigação de conjuntos limitados de fenômenos sociais e para a elaboração teórica dos resultados interpretativos assim conseguidos; c) a maior consistência que se foi alcançando na definição e na classificação dos problemas sociológicos de função.

Em face desse desenvolvimento, ficam abertas algumas perspectivas à definição do conceito de função social, à sistematização dos problemas sociológicos, que caem no campo da análise funcionalista, e à caracterização desta, como processo de indução analítica. As antigas elaborações sociológicas do conceito de função social dão margem a que se considere três sentidos analíticos do termo (função manifesta, função latente e função

derivada); e a que se defina função social como a conexão que se estabelece quando unidades do sistema social concorrem, com sua atividade, para manter ou alterar as adaptações, os ajustamentos e os controles sociais de que dependam a integração e a continuidade do sistema social em seus componentes nucleares ou como um todo. A análise funcionalista, por sua vez, tem por objeto a descoberta e explicação das conexões funcionais, assim entendidas, em contextos empíricos previamente circunscritos ou delimitados, sendo irrelevante se os dados de fato são obtidos mediante reconstrução histórica ou observação direta. Seu campo de aplicação abrange todos os fenômenos sociais (ação social, relação social, personalidade, instituição social, grupo social, etc.), desde que eles se manifestem de modo a preencher as condições estabelecidas na definição de função social. E seus resultados interpretativos dão a conhecer as regularidades existentes nas relações dos fenômenos sociais, que podem ser descritas funcionalmente como uniformidades de coexistência e uniformidades de seqüência de caráter cíclico, bem como certos elementos de uniformidades de seqüência lineares (ou irreversíveis). Por isso, o método de interpretação funcionalista tem sido explorado na investigação de dependências estruturais, de correlações funcionais e de vinculações causais de certo tipo (as que podem ser interpretadas em termos das uniformidades de coexistência e das uniformidades de seqüência suscetíveis de serem descritas através da análise funcionalista).

O conhecimento fornecido pela análise funcionalista permite resolver vários dos problemas que se inscrevem no objeto da sociologia empírica, em particular os que dizem respeito às relações da sociedade com o meio físico ou com o organismo humano, aos processos de socialização através dos quais os indivíduos se transformam em personalidades e são localizados no sistema de posições sociais, à convergência de atitudes e de ideais nos diferentes níveis de comportamento e através das diferentes formas de controle social, à continuidade social (sob o duplo aspecto da estabilidade e da mudança), à caracterização e à classificação dos tipos sociais. Ele permite completar a representação sociológica da realidade social, introduzindo nela os aspectos da vida social que podem ser conhecidos através das conexões funcionais, e oferece algumas perspectivas de manipulação prática das situações sociais de vida. Nele encontra a sociologia aplicada um sensível instrumento para a descrição dos problemas sociais e a seleção

dos meios para submetê-los a contrôlle racional, especialmente quando se trata de problemas de desajustamento social ou que podem ser corrigidos mediante mudança social provocada.

Em suma, examinar um método, pondo em evidência seu lado positivo, é ainda ficar dentro do horizonte mais limitado. Seria como justificar uma ação com as razões dadas pelo agente. A maior restrição que se poderia formular sociologicamente ao terceiro capítulo dêste trabalho, aliás, seria esta. Contudo, achamos melhor apresentar as questões pelo “lado positivo”, principalmente porque nele se confundem os argumentos que oferecem a perspectiva mais exata, para uma avaliação da importância da interpretação funcionalista na sociologia. Não ignorávamos os defeitos dêsse método de interpretação, quer os que lhe são inerentes, quer os que resultam das confusões a que êle se presta.

Não iremos, porém, discutir entre os primeiros senão aquêles que se enquadram nos propósitos de nossa análise anterior. Muitos são os que têm criticado, com ou sem razão, a orientação funcionalista; parece-nos, mesmo, que é mais fácil encontrar críticas mais ou menos extensas sôbre o que se pensa ser o *funcionalismo*, do que uma boa exposição de conjunto sôbre o que êle seja de fato. As reflexões que se seguem abrangem um número restrito de limitações, escolhidas entre as que podem contribuir para ressaltar as peculiaridades lógicas do método de interpretação funcionalista.

a) *Observação e reconstrução racional da realidade*: um grupo de questões fundamentais se colocam dêste ângulo. Como a interpretação sociológica das conexões funcionais depende do modo de considerar os fenômenos sociais quanto à condição *tempo*, os limites dentro dos quais essa condição é manipulada assumem um caráter crucial. Não se deve supor que seja suficiente a garantia de que as descrições sejam fidedignas e completas; é preciso ainda que elas compreendam os fenômenos descritos de uma forma que exclua tanto as observações descontínuas, quanto as observações contínuas em limites inadequados de tempo. Tanto umas, como as outras levam fãcilmente o pesquisador a operar com “informações”, suplementadas por inferências extraídas interpretativamente da análise de regras e padrões de comportamento mais acessíveis à observação direta. Em conseqüência, a reconstrução racional acaba englobando uma alta dose de subjetividade e, o que é mais grave no caso, deixa com freqüência de oferecer possibilidades reais de descrição dos mecanismos de dinâmica social através das situações

sociais em sua forma concreta de coordenação temporal. O pré-requisito apontado é de difícil observância, pois ele implica que o método seja mais facilmente aplicável à investigação das sociedades em que vivem os pesquisadores, do que na de sociedades de outro tipo, as “primitivas” em particular. Pois exigem um planejamento da pesquisa que nem todos os especialistas suportam. Um caso como o de Malinowski é tão raro, que chega a constituir uma fonte sem paralelos de prestígio científico.

Se essa dificuldade pode ser resolvida, graças ao talento e à competência do pesquisador, existe outra que, nas condições atuais da pesquisa sociológica, não encontra solução. Trata-se da determinação do grau de elaboração funcional das variáveis operantes em uma situação dada. Como lidamos com sociedades completamente constituídas e integradas, tôdas as adaptações, ajustamentos e contrôles sociais possíveis sempre traduzem um certo grau de domesticação social do meio físico e do organismo humano, um certo domínio técnico sobre os meios de produção, etc.. De modo que se nos afigura uma tarefa altamente complexa e difícil a de determinar com uma aproximação viável, mas com suficiente plausibilidade, a importância relativa dos diferentes mecanismos ou processos sociais na preservação ou na alteração das adaptações, ajustamentos e contrôles sociais presumivelmente responsáveis pela continuidade social. Os raciocínios interpretativos se baseiam, com referência aos fenômenos dessa natureza, naquilo que parece ser evidente ao pesquisador, na consideração das relações adaptativas e integrativas em face das condições materiais e morais de existência do povo investigado. Contudo, sabemos o quanto esse tipo de evidência possui de enganador e de conjectural. O progresso efetivo da interpretação dos fenômenos apontados aguarda a descoberta e a aplicação de técnicas mais rigorosas de investigação.

b) *Inferência indutiva e generalização*: o principal interesse da interpretação funcionalista para a sociologia reside na solução que nela se apresenta à relação entre teoria e pesquisa. Radcliffe-Brown, por exemplo, critica toda pesquisa sem propósitos teóricos definidos, sendo ele próprio um dos representantes mais notáveis dos modernos investigadores teóricos; Malinowski, tido por muitos como um pesquisador típico, lidava com os materiais que recolhia tanto esteticamente quanto interpretativamente; entre os modernos, Bateson e Merton demonstram igual competência em análises empíricas ou teóricas; Mauss é, ainda hoje, um mestre insuperável

nessa difícil arte de *não estabelecer teorias sem fatos, nem apresentar fatos sem teoria.*



*Fragmentos da importante tese de Livre Docência do Professor Florestan Fernandes, no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1953).*

*Trabalho de consulta indispensável.*



## **Observações sobre o clima de Piratininga/São Vicente, nas cartas de José de Anchieta**

*Pe. José de Anchieta*

A divisão das partes do ano é cousa inteiramente diversa: são na verdade de tal maneira confusas, que não se podem facilmente distinguir, nem marcar o tempo certo da primavera e do inverno: o sol produz com os seus cursos uma certa temperatura constante, de maneira que nem o inverno é demasiadamente rigoroso, nem o verão incomoda pelo calor; em nenhuma quadra do ano faltam os aguaceiros, pois de quatro em quatro, de três em três, ou de dois em dois dias, uns por outros, alternativamente, se sucedem a chuva e o sol; costuma contudo em alguns anos a cerrar-se o céu e a escassearem as chuvas; de tal modo que os campos se tornam estereis e não dão os costumados frutos, não tanto pela força do calor, que não é excessivo, como pela carencia de água; algumas vezes, também, pela muita abundancia de chuvas, apodrecem as raizes que temos para alimento. Os trovões no entanto fazem tão grande estampido, que causam muito terror, mas raras vezes arremessam raios; os relampagos lançam tanta luz, que diminuem e ofuscam totalmente a vista, e parecem de certo modo disputar com o dia na claridade; a isto se ajuntam os violentos e furiosos pègões de vento, que sopra algumas vezes com ímpeto tão forte, que nos leva a ajuntarmo-nos alta noite e correremos ás armas da oração contra o assalto da tempestade, e a sairmos algumas vezes de casa por fugir ao perigo de sua quéda; vacilam as habitações abaladas pelos trovões, caem as árvores e todos se aterram.

Não ha muitos dias, estando nós em Piratininga, começou, depois do pôr do sol, o ar a turvar-se de repente, a enublar-se o céu, a amiudarem-se os relampagos e trovões, levantando-se então o vento sul a envolver pouco a pouco a terra, até que, chegando ao Nordeste, de onde quasi sempre costuma vir a tempestade, caiu com tanta violência que parecia ameaçar-nos o Senhor com a destruição: abalou as casas, arrebatou os telhados e derribou as matas; a árvores de colossal altura arrancou pelas raizes, partiu pelo meio outras menores, despedaçou outras, de tal maneira que ficaram obstruidas as estradas, e nenhuma passagem havia pelos bosques; era para admirar quantos estragos de árvores e casas produziu no espaço de meia hora (pois não durou mais do que isso), e, na verdade, se o Senhor não tivesse abreviado aquele tempo, nada poderia resistir a tamanha violencia e tudo cairia por terra. O que, porém, no meio de tudo isso, se tornou mais digno de admiração, é que os Indios, que nessa ocasião se compraziam em bebidas e cantares (como costumam), não se aterraram com tanta confusão de cousas, nem deixaram de dansar e beber, como se tudo estivesse em completa tranqüillidade.

\* \* \*

A divisão das estações do ano (se se considerar bem) é totalmente oposta á maneira por que aí se compreende; porque, quando lá é primavera, aqui é inverno, e vice-versa; ambas, porém, são de tal modo temperadas, que não faltam no tempo de inverno os calores do sol para contrabalançar o rigor do frio, nem no estio, para tornar agradaveis os sentimentos, as brandas aragens e os humidos chuveiros, posto que esta terra, situada (como já disse) á beira-mar, seja regada em quasi todas as estações do ano pelas águas da chuva.

Todavia, em Piratininga, que fica no interior das terras, a 30 milhas do mar, e é ornada de campos espaçosos e abertos, e em outros lugares que se lhe seguem para o Ocidente, a natureza procede de tal maneira que, se os dias se tornam extremamente calidos por causa do calor abrasador (cuja maior fôrça é de Novembro a Março), a vinda da chuva lhes vem trazer refrigerio : cousa que aqui acontece agora. Para explicar isso em breves palavras: no inverno e no verão há grandes chuveiros, que servem para temperar os ardores do sol, de sorte que ou precedem de manhã ao estio, ou vêm á tarde. Na primavera, que principia em Setembro, e no estio, que

começa a vigorar em Dezembro, as chuvas caem abundantemente, com grande tormenta de trovões e relampagos.

Então, há não só enchentes de rios, como grandes inundações dos campos; nessas ocasiões, uma imensa multidão de peixes, que saem da agua para pôr ovas, deixam-se apanhar sem muito trabalho entre as ervas, e compensam por algum tempo o dano causado pela fome que trouxera a subversão dos rios, Assim, êste tempo é esperado com avidez, como alívio da passada carestia: a isto chamam os Indios *pirácema*, isto é, “a saída dos peixes”; porquanto, duas vezes cada ano, quasi sempre em Setembro e Dezembro, e algumas vezes mais frequentemente, deixam os rios e se metem pelas ervas em pouca água para desovar; mas no estio, como é maior a inundação dos campos, saem em mais consideraveis cardumes e são apanhados em pequenas redes e até mesmo com as mãos, sem aprêsto algum.

Finalmente, os grandes calores do verão são moderados pela muita abundancia de chuvas; no inverno, porém (passado o outono que, começando em Março, acaba numa temperatura agradável), cessam as chuvas; a fôrça do frio torna-se horrível, sendo maior em Junho, Julho e Agosto; nesse tempo vimos muitas vezes não só as geadas espalhadas pelos campos a queimarem, árvores e ervas, como também a superficie da água toda coberta de gelo. Então esvasiam-se os rios e baixam até o fundo, de sorte que se costuma apanhar á mão, entre as ervas, grande porção de peixes.

Aos 13 de Dezembro, completando o sol sua carreira em Piratininga, chega a maior altura; esse dia que é muito longo e em que não há declinação alguma de sombras, dura 14 horas e não passa além do Sul; daí, porém, volta para o Norte, em cuja retirada sóe ser mais rigoroso o calor e febres agudas com dôres de lado molestem os corpos. O undécimo dia de Junho, que é curtissimo, e no qual o sol está muito afastado de nós, dura (segundo creio) cêrca de dez horas desde o romper do dia até o ocaso.

Até aqui falámos do movimento do tempo; passo agora a tratar de outras cousas.



*Fragmentos dos escritos do venerando Padre José de Anchieta, focalizando detalhes do clima de Piratininga/São Vicente, em observações feitas de 1554 a*

*1560 (Ed. Itatiaia, BH; Edusp, SP). Anchieta, que foi um dos primeiros mestres jesuítas do Brasil, ao sabor da catequese, realizou observações detalhadas sobre a natureza das regiões que visitou no litoral e no Planalto de Piratininga, sobretudo no que respeita a flora terrestre das florestas e várzeas regionais. Ainda que empírico, comportou-se como um ... viajantes... que vieram para o Brasil de Portugal. Teve a sensibilidade de registrar como os indígenas... se comportavam em momentos de grandes trovoadas e tempestades.*

*Mais tarde Lévi-Strauss designou por “Tristes Trópicos” os momentos de solidão... em momentos de grandes... ao que tudo indica.*

*Nota do editor: As lacunas no texto, simbolizadas por reticências, correspondem a partes do manuscrito que não puderam ser revisadas com o Prof. Aziz Ab’Sáber.*

## EUCLIDES DA CUNHA (1866-1909)

*Clovis Moura*

*“O que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual compondo-a com as forças infinitas da humanidade”*

Novembro de 1888. Estava programada uma visita do Ministro da Guerra à Escola Militar. O estabelecimento, minado de idéias republicanas, tinha nos seus alunos um material fortemente explosivo. Nos corredores articulava-se uma manifestação de indisciplina. A última hora, porém, todos os jovens sediciosos, por razões várias, foram se divorciando subjetivamente do movimento, aceitando a visita do representante da monarquia. Menos um aluno, desajeitado e magro, de olhos febris e gestos nervosos.

O Ministro chega à Escola Militar. Acompanha-o o Senador Silveira Martins que tinha um filho aluno do estabelecimento e que se inscrevera entre os rebeldes. A primeira companhia desfila em ordem. Nada acontece.

Mas, na segunda companhia estava o aluno nervoso e desajeitado. Deu alguns passos à frente, olhando firmemente o representante da monarquia. Tira o sabre da bainha e tenta quebrá-lo com o joelho. Depois atira-o ao chão. Murmura palavras de revolta ininteligíveis. Depois ergue a voz:

— Infame! A mocidade livre cortejando um ministro da monarquia!

O aluno desajeitado era Euclides da Cunha. O seu gesto de 1888 é bem uma síntese de toda a sua curta e atormentada vida.

Nasceu a 20 de janeiro de 1866, filho de pais da classe média que, se não lhe deram a estabilidade necessária a uma criança - a mãe faleceu em 1869,

deixando-o aos cuidados de parentes - também não o fizeram conhecer a indigência. Era filho de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, e de D. Eudoxia Moreira da Cunha. O pai era comerciante e, após a morte da espôsa, via-se constantemente deslocado, de cidade em cidade, não podendo, desta forma, dar ao filho a assistência e o carinho necessários.

Em consequência das atividades paternas, teve de ser criado por parentes. Na fazenda São Joaquim, em Conceição de Fonte Nova, onde se encontrava recolhido pelos parentes, iniciou os estudos, sendo, posteriormente, em 1877, transferido para a Bahia onde iria cursar o Colégio Carneiro Ribeiro.

Terminou o curso de humanidades no Colégio Aquino, onde teve por mestre Benjamin Constant, personalidade que iria influenciar poderosamente a formação do seu pensamento. Além de Benjamin Constant, foram mestres de Euclides da Cunha, nesse tempo, Teófilo das Neves Leão e João Pedro de Aquino.

Nesse estabelecimento fundou um pequeno jornal: *O Democrata*; periódico bimensal cujo primeiro número apareceu no início de 1884. O grupo que organizara o jornal era composto de Eurico Jaci Monteiro, Natan Sérvio Ferreira, Reinaldo Jaime Maia, Custódio Enes Belchior, Ramiro Carvalho Guimarães, Virgílio das Casas dos Santos e Manoel Francisco de Azevedo Junior.

Ao tempo de *O Democrata* andava dominado pela poesia, especialmente a de Gonçalves Dias e a de Álvares de Azevedo. Além desses poetas sofria a influência de Fagundes Varela que sobressaía entre as demais. Apesar de adolescente, já abordava assuntos transcendentais para a vida nacional, escrevendo, segundo o depoimento de Francisco Venâncio Filho, «crônica vibrante sôbre a abolição no Ceará».

Mas estampou principalmente, no órgão juvenil, produções em verso que foram por êle reunidas depois com o título de *Andas*, livro que se conserva inédito no arquivo do Grêmio Euclides da Cunha. Dizia então:

Não tenho ainda vinte anos  
 E sou um velho poeta. A dor e os desenganos  
 Sagraram-me mui cedo a minha juventude  
 É como uma manhã de Londres fria e rude.»

Em um soneto dedicado a Marat, Euclides da Cunha versejava:

Foi a alma cruel das barricadas!...  
Misto de luz e lama!... Se êle ria  
As púrpuras gelavam-se e rangia  
Mais de um trono se dava gargalhadas!...

Fanático da luz... porém seguia  
Do crime as torvas, lívidas pisadas.  
Armava, à noite, aos corações ciladas,  
Batia o despotismo à luz do dia.

No seu cérebro trememente negrejavam  
Os planos mais cruéis e cintilavam  
As idéias mais bravas e brilhantes.

Há muito que um punhal gelou-lhe o seio...  
Passou... Deixou na história cheio  
De lágrimas e luzes ofuscantes...

Em 1884, finalmente, prestou exame na Escola Politécnica, tendo se matriculado nesse estabelecimento no dia 27 de março de 1885. Mas, um ano depois, Euclides da Cunha, por motivos que ainda não foram devidamente esclarecidos, transfere-se para a Escola Militar.

Dois anos depois é o incidente com o Ministro da Guerra que já relatamos e que o incompatibiliza, definitivamente, com alguns setores influentes do Exército.

Na Escola Militar, Euclides da Cunha encontrou, novamente, como mestre, a Benjamin Constant, sofrendo a influência do positivismo, principalmente no seu aspecto político. Passou a militar nas hostes republicanas.

Em consequência da rebeldia que demonstrou na visita do Ministro da Guerra foi excluído a bem da disciplina.

Vendo-se livre da farda mas, ao mesmo tempo, em situação econômica precária, Euclides da Cunha ingressa na imprensa. Colaborou na *Província de São Paulo* com o pseudônimo de Proudhon, mantendo uma seção intitulada «Questões Sociais».

No Rio de Janeiro, para onde se transferiu, ingressou na Escola Politécnica, ali presenciando a proclamação da República, êle, um republicano desde a adolescência. O seu gesto, na Escola Militar, havia criado uma aura de heroísmo e sacrifício em tôrno da sua pessoa. Conseguiu, logo depois, a sua reintegração no Exército como alferes-aluno, cursando, em seguida, a Escola Superior de Guerra. Pratica, durante um ano, engenharia em São Paulo e Caçapava. De nôvo no Rio de Janeiro, Euclides da Cunha foi surpreendido com a revolta da Armada de 1893, tomando abertamente posição ao lado do Governo. Participa da defesa militar da cidade, nas trincheiras da Saúde.

Não se adaptando, contudo, à vida militar, Euclides da Cunha abandonou definitivamente o Exército em julho de 1896, dedicando-se à engenharia civil. Por outro lado, continua no jornalismo, escrevendo artigos, todos êles palpitantes temas do momento.

Quando, em 1896, irrompeu, no interior do Estado da Bahia, o movimento de fanáticos liderados por Antônio Conselheiro, êle era colaborador de *O Estado de São Paulo*, e foi escolhido como correspondente de guerra, seguindo, por via marítima, para o teatro das operações. Dominado pela ideologia republicana, sendo um dos que lutaram para que ela fôsse implantada, Euclides da Cunha seguiu certo de que iria assistir a uma batalha pela defesa dos princípios pelos quais se sacrificara na adolescência.

No entanto, ao tomar contacto com as populações sertanejas, ao participar das lutas e ouvir testemunhas, foi, em sucessivas reportagens, tomando a defesa daqueles que êle denominou de «nossos rudes patrícios transviados».

Na série de correspondência que enviou podemos notar a transformação do seu pensamento em contato com os problemas e a realidade da região conflagrada. Os artigos vão adquirindo cada vez tons mais sombrios, à medida que Euclides da Cunha chega ao local da revolta e toma contato com a realidade da vida sertaneja. Ante o desfile macabro dos prisioneiros que seriam depois degolados, começa a ver e admirar o heroísmo dos *jagunços*, afirmando que «custa a compreender a energia soberana que os alevanta por tal modo acima das imposições mais rudes da matéria»; percorre as casas de Canudos, já nas mãos das tropas legais, e se estarrece ao ver a miséria em que vivem os nossos irmãos, descrevendo-a com a fôrça que sòmente a revolta produz: compreende-se que haja povos vivendo ainda, felizes e rudes nas anfratuosidades fundas das rochas; que o caraíba

ferocíssimo e aventureiro se agasalhe bem nas *tubanas* de paredes feitas de sebes entrelaçadas de trepadeiras agrestes e tetos de fôlhas de palmeiras ou caucásios nas suas *burcas* cobertas de couro - mas não se compreende a vida dentro dessas furnas sem ar, tendo por única abertura, às vêzes, a porta estreita da entrada e cobertos por um teto maciço e impermeável de argila sôbre fôlhas de icó!»

Em seguida, descreve a mabília que é, aliás, o mobiliário clássico das casas camponesas: «um banco grande e grosseiro (uma tábua sôbre quatro pés ou torneados); dois ou três banquinhos; rêdes de *cruá*; dois ou três baús de cedro de três palmos por dois. É tôda a mobília. Não há camas; não há mesas; de modo geral... »

Finalmente, já em correspondência datada de primeiro de outubro, confessa: «sejamos justos - há alguma coisa de grande nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real, consistirá no incorporá-los, amanhã, breve, definitivamente, à nossa existência política.»

Euclides da Cunha regressou de Canudos e foi, em 1898, dirigir a reconstrução de uma ponte na cidade paulista de São José do Rio Pardo. Nessa cidade, encontrando ambiente propício, calma, compreensão de amigos, começou a escrever e concluiu o seu livro mais importante, ponto basilar de tôda a sua obra e uma das mais importantes contribuições feita por um escritor à cultura nacional: *Os Sertões*.

A obra, publicada em dezembro de 1902, elevou, de chôfre, o seu autor a um nível dos mais distinguidos entre os escritores do Brasil.

Divide-se em três partes: «A Terra», «O Homem» e «A Luta». Na primeira parte, o autor procura estudar o esqueleto geológico e geográfico da área do sertão, a influência do meio físico, o clima da região, a sua flora, tarefa que foi facilitada pela sua qualidade de geógrafo. Traçou as coordenadas de uma teoria geográfica que, embora atualmente superada, ainda tem os seus seguidores. No entanto, muito do que Euclides da Cunha escreveu na primeira parte do seu livro ainda resiste. Um especialista como Aroldo de Azevedo escreveu sôbre a primeira parte da sua obra: « façamos, pois, rigorosa justiça a Euclides e proclamemos mais esta valiosa faceta de sua obra-prima: nos seus capítulos preliminares, nada existe que possa assemelhar-se ao sistema então geralmente aceito, de dividir a matéria

naqueles clássicos e bolorentos ítems: orografia, geologia, potamografia, limonografia, climatologia, riquezas naturais, etnografia... Lêem-se hoje as páginas de *Os Sertões*, sentindo-se o mesmo bem-estar que nos proporcionam as páginas de um moderno geógrafo, se as encaramos sob o ponto de vista exclusivamente de método.»

Na segunda parte do livro, procura traçar uma visão dos nossos tipos regionais, focalizando o problema do caldeamento das diversas raças que formaram a base antropológica das diversas áreas, especialmente a sertaneja. Analisa, também, a diferenciação que se operou entre o mestiço do sertão, isolado, e o do litoral, em contato com outras raças, etnias e culturas. Intoxicado de teorias que endossavam a existência de raças superiores e inferiores, Euclides da Cunha, embora emitindo conceitos atualmente inaceitáveis, procura estabelecer, pela primeira vez, as características dos diversos tipos regionais do Brasil, sendo chamado, por isso, por Artur Ramos, um dos seus mais severos críticos, de «fundador de nossa antropologia regional».

Finalmente, a última parte do livro - «A Luta» - narra os lances da tragédia de Canudos, as diversas expedições militares que foram organizadas pelo govêrno da República, o fanatismo dos adeptos de Antônio Conselheiro, líder dos camponeses sublevados e a vitória final das forças legais.

Vazado em estilo pessoal, aborda problemas dos mais importantes da formação social brasileira. Apreciado como obra de arte ou como contribuição às ciências sociais, o livro até hoje é uma das obras básicas da nossa cultura. A parte narrativa, isto é, aquela que se refere aos eventos, mostra, de forma realista, como os mesmos decorreram, as vicissitudes e dificuldades de ambas as partes, sem deixar de assinalar, no entanto, que todos eram brasileiros e sem deixar de deplorar a luta fratricida.

Na profissão de engenheiro, Euclides da Cunha conheceu, ainda, outras cidades do interior paulista - São Carlos e Lorena - e parou em Santos, por algum tempo, na Comissão de Saneamento da Cidade.

O livro *Os Sertões* abriu tôdas as portas da literatura ao seu autor e o transformou em um dos nomes mais conhecidos nos meios culturais do Brasil. Foi eleito, em seguida para o Instituto Histórico Brasileiro e para a Academia Brasileira de Letras.

A glória, porém, não lhe trouxe a estabilidade econômica. Euclides da Cunha, já célebre, escritor consagrado, era um homem pobre, que lutava

desesperadamente pela subsistência. Mal podia manter a família, composta de mulher e dois filhos. Finalmente, foi aproveitado pelo Barão do Rio Branco na Comissão que iria fixar definitivamente os limites entre o Brasil e o Peru.

Em dezembro de 1904, na qualidade de Chefe da Comissão, Euclides da Cunha calçou as suas «botas de sete léguas» e partiu para o Acre. Era, mais uma vez, o homem que sacrificava o seu conforto e a sua situação familiar para conhecer o Brasil, os seus problemas, a sua natureza. O Amazonas e a sua população sempre o atraíram. Ainda em São José do Rio Pardo, quando escreveu o seu livro imortal, abordara o problema. Erradamente. Vê no amazonense um desfibrado, homens de «organizações tolhiças», fruto de um clima malsinado. Corrige, porém, no seu trabalho posterior sôbre o homem amazonense, o seu equívoco. Reabilita-o.

Faz, juntamente com os membros da comissão peruana, o levantamento hidrográfico do rio Purus. Enfrentando inúmeras dificuldades, chegam às suas cabeceiras.

Em julho de 1905 está finalmente de regresso, depois de ter visto com os seus olhos de «tapuia espantadíssimo» a realidade amazonense. Projeta escrever um livro sôbre o que os seus olhos viram e os seus ouvidos escutaram. Seria o «Paraiso Perdido». Prepara, por outro lado, o relatório da viagem, ainda em Manáus, relatório que bem demonstra o zêlo de Euclides da Cunha por tudo que executava. Assim é que, no dia 15 de janeiro de 1906, escrevia ao seu amigo Firmo Dutra: «Cheguei bem - encontrando todos bons. Mal te posso escrever - tais e tantos os trabalhos que ainda me impõem os restos da comissão.» Logo depois, a 18 de abril, comunicava-se com José Escobar nêstes têrmos: «Continuo ainda muito atrapalhado, apesar de já estar impresso o meu relatório, e além de atarefado, doente. Há muita coisa pior que a tuberculose que é franca - é o incidioso impaludismo larvado que a medicina não atinge, tão vário é êle e incaracterístico.»

Permaneceu no Itamarati e foi encarregado de organizar os mapas da região limítrofe com o Peru. Mais uma vez mostrou sua dedicação à causa pública, fazendo trabalho lapidar.

Em 1907, Euclides da Cunha, com nome feito depois do êxito do seu monumental livro de estréia, publica *Contrastes e Confrontos*, coletânea de artigos de jornal, onde aborda diversos assuntos, desde política

internacional até problemas relacionados com a realidade brasileira. Com o mesmo estilo vigoroso e pessoal de *Peru Versus Bolívia*.

Embora sem a mesma importância de *Os Sertões*, mostram a grande envergadura de pensador de Euclides da Cunha e ao mesmo tempo, a versatilidade do seu espírito. Capítulos como «A Arcádia da Alemanha», «Garimpeiros», «Planos de Uma Cruzada», «Solidariedade Sulamericana», e principalmente «Um Velho Problema», artigo onde a antecipação sociológica de Euclides da Cunha transcende a tudo quanto até aquele momento havia sido escrito no Brasil, no que diz respeito às relações entre o capital e o trabalho, bem demonstram como o vigoroso pensador de *Os Sertões* estava se aprimorando no trato de questões candentes, dentro de metodologias cada vez mais exatas.

Ainda em dezembro de 1907, pronunciou, em São Paulo, uma conferência: «Castro Alves e o seu tempo». Nesse trabalho, algumas injustiças que Euclides da Cunha havia feito no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras foram corrigidas. Mostra-se, nesse trabalho, o homem que confia no futuro do Brasil, nas suas possibilidades e no seu desenvolvimento como nação.

Terminada a sua missão no Itamarati, vê-se novamente a braços com o problema da subsistência.

Doente, depois de levar uma vida agitada e trabalhosa cheia de percalços e vicissitudes, de ter peregrinado por cidades do interior de São Paulo, pelo sertão baiano, pelo Amazonas, resolveu inscrever-se em um concurso para a Cadeira de Lógica no Colégio Pedro II.

Iria competir, entre outros, com Faria Brito, homem que tinha como cartão de visita uma vasta obra filosófica, por todos conhecido como aquele que, no Brasil, mais dominava as correntes, escolas e métodos dos filósofos europeus. Euclides da Cunha, mais conhecido como escritor de uma campanha militar, sofria intimamente a diferença. Apesar de tudo, vai à banca examinadora. As suas provas oral e escrita bem demonstram o esforço extraordinário que ele fez para, em poucos meses, suprir-se de uma cultura filosófica.

Segundo Francisco Venâncio Filho os «concursos têm entre nós o aspecto de lutas primárias. Faltam os que sabem perder e mais ainda os que sabem ganhar. Como que o esforço de adquirir uma cultura por si mesmo dá à contenda, às vezes, aspectos de defesas de bem exclusivo. Sendo o menos imperfeito dos meios de seleção do magistério, enquanto não o

formamos especificamente, é entretanto revestido de luta física. Se isto se dá até nas disciplinas da técnica experimental quanto mais naquelas que o Oswald chamou ciência de papel, como a Lógica. Logo que se falou de Euclides começaram os boatos. Chegou-se a afirmar que Barbosa Lima se inscreveria, apenas para afugentar candidatos.

«Foi para Euclides da Cunha uma fase de novos tormentos. Não sendo filósofo de profissão, tinha contudo inegável cultura geral, especialmente científica, e percorrera os grandes pensadores. Inicia a revisão de conhecimentos e leituras de que nos dá conta sua correspondência da época e as anotações a alguns livros salvos».

Depois de uma prova dramática, especialmente pela posição que adotou na oral que versava sobre a «Idéia do Ser», Euclides da Cunha sentiu-se derrotado. Não por falta de cocimentos. Mas pela sua posição antimetafísica, em desacôrdo com a filosofia dominante. Obteve, mesmo assim, o segundo lugar. Apesar disso, foi nomeado, em 17 de junho de 1909, para exercer a cadeira.

Pouco tempo, porém, permaneceu lecionando. Por questões de família, quando defendia a sua honra conjugal, foi assassinado no dia 15 de agosto do mesmo ano. Logo depois da tragédia, veio à luz o livro *A Margem da História* que se encontrava no prelo quando da sua morte. Livro também composto de artigos vários, traz um trabalho que seria o esboço ou um capítulo de seu projetado e malogrado *Paraíso Perdido*. O mesmo estilo, a mesma sensibilidade e o mesmo destemor estão presentes à publicação póstuma de Euclides da Cunha. Mostram êsses capítulos como Euclides da Cunha como escritor e homem, se encontrava no tema da realidade brasileira. Por tudo isso, usando palavras suas, foi um grande homem porque «o que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual compondo-a com as forças infinitas da humanidade.»



(*Os Forjadores do Mundo Moderno, Ed. Fulgor*).

*Euclides da Cunha dispensa comentários.*



## EL PODER PRECARIO DE LA LITERATURA: LAS MOSCAS DE SARTRE EN 1943

*Ingrid Gladster*

En los años sesenta, una mesa redonda reunió en París a autores llamados ‘comprometidos’, entre ellos Jean-Paul Sartre, con representantes de la “nueva novela” quienes, como se sabe, no aprecian la literatura comprometida. Los participantes se hicieron la pregunta: “Que peut la littérature?”. Una traducción podría ser: “¿Cuál es el poder de la literatura?”. Por esa época, al menos en aquella mesa redonda, Sartre todavía afirmaba que la literatura puede tener cierto impacto en el elector, pero ya le atribuía mucho menos poder que en los años cuarenta cuando escandalizaba a unos y fascinaba a otros con su teoría de la literatura comprometida exigiendo que el escritor confrontara a sus lectores con la realidad para que a nadie le fuera posible sustraerse a su responsabilidad social e histórica. Su manifiesto de la literatura comprometida titulado *Qu'est-ce que la littérature?* (¿Qué es la literatura?) salió en 1947, poco después que los Aliados habían liberado a Francia del fascismo. Durante la ocupación alemana de Francia -es decir de 1940 a 1944- Sartre había tenido la oportunidad de adquirir experiencia como autor a fin de conocer concretamente el poder de la literatura. Había representado durante este período tres obras teatrales, y en dos de ellas quería, según afirmaría después de la guerra, llamar a la resistencia contra la ideología dominante que toleraba y, en parte, favorecía el fascismo en Francia. En esta charla quiero informarles cómo Sartre

realizó sus intenciones y si logró efectivamente hacerse comprender por sus espectadores. ¿Cuál es el poder de la literatura?

Pero digamos antes algunas palabras para aclarar qué fue lo que motivó a Sartre para comprometerse como autor. Uds. saben que Sartre nació en 1905 e hizo estudios de filosofía en una de las universidades de más alto nivel en Francia, *l'Ecole Normale Supérieure* en la calle Ulm de París. En 1929, fue el primero de su promoción y obtuvo un puesto como profesor en un colegio de provincia. Pero ser profesor, para él, era más o menos un recurso para sostenerse. Desde muy joven quería hacerse escritor, como nos dice en su autobiografía *Las palabras* y tal vez de manera aún más clara en textos publicados después de su muerte, por ejemplo los diarios escritos durante la guerra. En los años treinta, todo el tiempo que le quedó después de sus clases, lo dedicó a escribir. Alcanzó a publicar dos obras de teoría (*La imaginación* y *La trascendencia del ego*), pero tuvo problemas para que fuera aceptado un texto de ficción que venía escribiendo desde comienzos de los años treinta. La editorial Gallimard, la más prestigiosa de Francia en la época, rechazó durante mucho tiempo este texto que Sartre había titulado *Melancholía*. Para lograr la publicación, Sartre tuvo que conformarse con muchas supresiones, ya que había en la obra pasajes escandalosos sobre la manera como el protagonista sienta su sexualidad. También tuvo que aceptar que Gaston Gallimard cambiara el título del libro. Este se llamaría *La Náusea* y se publicaría finalmente en 1938. Con *La Náusea* Sartre se granjeó la reputación de escritor joven y prometedor. Esa reputación se fundamentó también en las críticas literarias que había publicado en *La Nouvelle Revue Française*, la revista más prestigiosa de Francia en el período entre las dos guerras, la cual también fue editada por Gallimard. Sartre quien, para defender su punto de vista, nunca fue un tímido, había escrito entre otras cosas una reseña en la cual afirmó que François Mauriac no era artista, en un momento en que Mauriac era considerado ya como uno de los grandes novelistas de Francia.

Así Sartre era ya conocido en ciertos círculos literarios de París cuando Francia, en septiembre de 1939, declaró la guerra a la Alemania hitleriana. Como todos los franceses aptos para el servicio militar, se vio obligado a ir a la guerra. Pero inesperadamente, hasta mayo de 1940 podía dedicarse prácticamente de lleno a escribir, más aún que en tiempos de paz, ya que antes de esta fecha todavía no había combates. Sabemos que en mayo de

1940 las tropas alemanas vencieron en una guerra relámpago a Francia. Posteriormente, Sartre pasó a un campo de prisioneros de guerra donde permaneció hasta marzo de 1941, momento en el cual pudo regresar a París y seguir trabajando en un colegio.

Pues bien, el período comprendido entre septiembre de 1939 y marzo de 1941 fue aparentemente un período decisivo en la vida de Sartre. En sus memorias -que mucho tiempo han servido de biografía oficial de Sartre-Simone de Beauvoir nos dice que su compañero regresó de la guerra completamente transformado. Antes de la guerra, Sartre se había definido como un individuo que mira la realidad desde afuera, un observador crítico de la sociedad, sobre todo de la burguesía, y *La Náusea* es una expresión de su anarquismo antiburgués. En la guerra se dió cuenta de que se había equivocado, que nadie está ubicado fuera de la realidad puesto que siempre estamos situados en la historia. Y puesto que siempre estamos envueltos con una situación, no podemos quedarnos afuera, no podemos abstenernos, tenemos que comprometernos. Abstenerse, en adelante, será una ilusión para Sartre, porque quien se abstiene también escoge, escoge abstenerse, pero se oculta esta elección a sí mismo, es inauténtico. A partir de la guerra, la noción de autenticidad juega un papel importante para Sartre. Sólo será auténtico quien se da cuenta del hecho de que es libre, quien no se oculta a sí mismo su situación, quien no responsabiliza a otros de lo que ocurre porque, para el Sartre de esa época, yo no soy otra cosa que lo que elijo y siempre hay alternativa que escoger, la muerte también es una.

Con esa concepción de libertad y de responsabilidad del individuo Sartre no podía quedarse mudo mientras que los fascistas ocupaban a Francia. Quería sobre todo luchar contra el espíritu de la resignación que, después del Armisticio, se imponía entre sus compatriotas. Esa mentalidad se hizo también sentir en el campo de prisioneros en Alemania donde Sartre estaba internado. De acuerdo con los sacerdotes del campo, escribió un Misterio para la Navidad de 1940, pero el escenario de este Misterio es la Palestina histórica ocupada por los romanos. El título de la obra es Bariona. La acción transcurre en un pueblo amenazado por un aumento de impuestos que los ocupantes exigen. Bariona, el jefe del pueblo, tiene que escoger: tiene pues que aceptar o rechazar ese aumento. En cada caso, el pueblo va a perecer. Bariona decide pagar los impuestos, pero al mismo tiempo ordena que su

generación será la última al negarse que su pueblo engendre más hijos. “La dignidad del hombre es, dice, en su desesperanza”.



*Transcrito em homenagem ao grande intelectual Jean-Paul Sartre, que um dia visitou o Brasil e deixou memórias que ainda não foram totalmente registradas.*

## O Papel das Placas Tectônicas na Origem dos Continentes [Fragmentos]

*Samuel Murgel Branco e Fábio Cardinale Branco*

A Terra, como vimos até aqui, sofre contínuas modificações, decorrentes de processos que atuam em dois diferentes sentidos. Os primeiros tendendo a desgastar, transportar e aplainar a superfície através de erosão pela água e pelo ar, seguida de sedimentação nos lugares mais baixos: vales, lagos e oceanos. Esses processos são chamados *exógenos*, que quer dizer “de origem externa”, isto é, que não provêm de dentro, mas sim da própria superfície da Terra. O segundo grupo de processos, denominados *endógenos*, vem do interior do globo terrestre, age de certa forma contrariando os primeiros, provocando a elevação de montanhas, o afundamento de regiões, o derrame de lavas vulcânicas, a formação de fendas e, assim, aumentando os desníveis da crosta. É do equilíbrio entre essas duas forças que resulta o relevo que conhecemos. A origem desses movimentos de origem endógena está na distribuição desigual do calor terrestre.

Se perfurarmos a crosta terrestre, já vamos ver que a temperatura aumenta com a profundidade, sendo, portanto, a crosta muito mais fria do que o manto subjacente. Essa diferença de temperatura gera um fluxo de calor do manto para a superfície da crosta. De uma forma simplificada, podemos dizer que esse fluxo é responsável pelos movimentos de origem endógena.

O fluxo de calor gera, nas porções extremas do manto, correntes de convecção, isto é, correntes ascendentes e descendentes, da mesma forma que em uma panela de água fervente. Na Terra, essas correntes empurram, em alguns pontos, material magmático em direção à crosta. Esse material pode chegar a extravasar, formando determinados tipos de vulcão.

### Placas tectônicas

Esse fluxo de calor, mais intenso em umas regiões do que em outras, pode chegar a gerar, na crosta terrestre, rupturas de maiores dimensões que as fendas constituídas pelas crateras dos vulcões; rachaduras longas e profundas, que recebem o nome de *rifts* (que em inglês significa “brechas” ou “fendas”) e podem ocorrer sobre um continente, rachando-o e separando-o em duas partes que se afastam uma da outra. Os *rifts* originam-se da seguinte maneira:

1.º) O material do manto é levado pelas correntes de convecção para a crosta, empurrando-a para cima, formando um domo alongado.

2.º) Com o aumento da pressão interna e da temperatura, esse domo pode chegar a rachar, formando uma extensa fratura denominada “*rift continental*”. Esse seria o estágio atual do famoso *Rift Valley*, na parte oriental do continente africano, caracterizado hoje por uma série de vales profundos e lagos de forma alongada.

3.º) Com a evolução do processo, essa fratura pode chegar a romper o continente (como é o caso do Mar Vermelho), permitindo a entrada do mar. Pode mesmo chegar a separar completamente o continente em duas metades, formando um oceano entre elas. Do meio desse oceano sai constantemente material do manto para a superfície, gerando uma extensa protuberância subaquática denominada *cordilheira mesoocênica* ou *dorsal oceânica*, de onde se originam como já vimos todas as rochas que formam o fundo oceânico. O afastamento dos dois novos continentes a partir desse ponto é um processo contínuo, cujo exemplo mais típico é o afastamento da África e da América do Sul, com o alargamento do Oceano Atlântico.

A crosta assim formada (crosta oceânica) é composta por material proveniente do manto, com predominância de silício e magnésio (sima)

hidratado, sendo, portanto, mais densa do que a crosta continental formada principalmente de silício e alumínio (sial).

Se por um lado a crosta terrestre está constantemente sendo formada, por outro ela está em constante processo de destruição nas denominadas *zonas de subducção*, ou seja, áreas onde a crosta oceânica, comprimida de encontro à crosta continental entra por baixo desta, por diferença de densidade. Desse modo, uma enorme “língua” de material consolidado e hidratado (devido ao resfriamento em condições subaquáticas e ao longo contato com as águas do oceano) é empurrada para regiões do interior da terra, onde a pressão e a temperatura elevada provocam sua fusão. Ora, os minerais mais ricos em silício e alumínio apresentam ponto de fusão mais baixo do que os ferromagnesianos. Por isso o primeiro magma a se formar tem composição mais próxima daquela da crosta continental e, portanto, menor densidade. Além disso, a água presente na sua estrutura contribui para o abaixamento do ponto de fusão, resultando na subida de um magma síalico para a superfície, o qual pode extravasar sob forma de vulcões ou resfriar abaixo da superfície, formando grandes corpos rochosos com a composição aproximadamente igual à da crosta continental. Esse tipo de vulcanismo é o responsável pela formação de grandes cadeias de montanha como, por exemplo, a Cordilheira dos Andes.

Há assim, como que um engolimento do “tapete rolante” constituído pelas rochas do assoalho do oceano, quando estas penetram em profundas fendas situadas sob os continentes. Só que, sendo essas fendas um tanto estreitas, a passagem é forçada “raspando” a camada superficial da rocha engolida, a qual, sendo mais leve, se acumula junto a borda do continente, formando espessas massas que se levantam originando cordilheiras. Ao mesmo tempo, o atrito resultante do esfregamento das rochas engolidas na estreita passagem dá origem a alguns “engasgos” provocando os terremotos. Por essas razões e que tanto as cordilheiras quanto os terremotos e mesmo os vulcões - como será visto a seguir - têm localizações fixas na superfície da Terra, não se distribuindo uniformemente por todo o continente.

Os terremotos que hoje observamos na região dos Andes são, pois, o resultado do atrito que a crosta oceânica sofre na superfície de contato com a crosta continental durante o processo de subducção. Essa superfície é denominada *Zona de Benioff*.

As zonas de subducção bem como as cordilheiras mesooceânicas ou os *rifts*, constituem assim profundas rachaduras da crosta terrestre, as quais, se olharmos em conjunto, dividem a superfície do globo em diversas placas, que são chamadas de *placas tectônicas*. Os continentes estão situados em cima de algumas dessas placas sendo transportados por elas para onde quer que vão.

Essas placas se movimentam sobre a superfície da Terra umas em relação às outras, devido às diferentes taxas de afastamento e de subducção.

### **Ambientes geotectônicos**

Os limites entre as placas tectônicas podem ser divididos em dois grandes grupos: os limites convergentes (correspondendo aos limites onde as placas se aproximam, como nas zonas de subducção) e os limites divergentes (limites onde há afastamento entre as placas, como, por exemplo, as cordilheiras mesooceânicas). Cada tipo de limite apresenta características geológicas bastante particulares, definindo o que denominamos *ambientes geotectônicos*.

#### *Ambiente das cordilheiras mesooceânicas*

As cordilheiras mesooceânicas caracterizam-se pela presença de rocha basáltica que se consolida sob a forma de montanhas submarinas ou de pequenos cones vulcânicos. Com os esforços distensivos provocados pelas correntes de convecção do manto, a rocha basáltica recém-formada tende a se espalhar em dois sentidos opostos, compondo o fundo do oceano, ou “assoalho oceânico”, que apresenta, portanto, bandas de rocha com idade crescente a partir da cordilheira em direção aos limites divergentes. Esses esforços são responsáveis pela formação das falhas transformantes perpendiculares à cordilheira.

### *Subducção do tipo cordilheirano*

Esse tipo de subducção corresponde ao que forma a Cordilheira dos Andes, onde a placa que submerge para o manto é refundida, incorporando-se ao continente preexistente e formando uma cadeia de montanhas, no caso os Andes, com vulcanismo bastante ativo e terremotos freqüentes. Associada a esse tipo de subducção, forma-se uma profunda fossa oceânica, onde se depositam sedimentos continentais (de baixa densidade, devido à grande quantidade de silício e alumínio) que acabam por entrar em subducção juntamente com a crosta oceânica, sendo também fundidos e incorporados novamente ao continente.

### *Subdução do tipo "arco de ilhas"*

A subdução do tipo cordilheirano só acontece se o limite das placas se der entre um continente e um oceano. E se esse limite estiver no meio de um oceano?

Nesse caso, a placa que tiver menor espessura tenderá a entrar por baixo da mais espessa, constituindo um ambiente muito semelhante ao descrito anteriormente, com a diferença de que aqui o resultado da refusão da crosta emergirá sob a forma de vulcões, formando ilhas oceânicas de grandes dimensões, que podem evoluir para formar um novo continente. Nesse tipo de ambiente, a exemplo da subducção do tipo cordilheirano, forma-se uma profunda fossa oceânica, como é o caso das grandes fossas do Peru e do Chile, no Pacífico.

### **A obducção: uma colisão entre dois continentes**

Resta ainda um caso a ser considerado: que acontece quando, após toda uma placa oceânica ter sido consumida pelo engolimento, dois continentes se chocam em um limite convergente de placas?

Nesse caso, as duas placas têm grande espessura, pois ambas carregam porções de crosta continental. O resultado desse choque é que a placa que vinha em processo de subducção tende a submergir, enquanto a placa oposta é jogada sobre ela juntamente com porções de crosta oceânica

que porventura estejam no limite entre elas; mas a baixa densidade da crosta continental não permite que esta se aprofunde no manto. Assim, a espessura da crosta fica duplicada nesse local, formando uma grande cadeia montanhosa em que aparecem fragmentos de crosta oceânica, às vezes em grandes altitudes (esses fragmentos são denominados *ofiolitos*).

A esse processo de cavalgamento de crosta oceânica ou de crosta continental sobre um continente é dado o nome de *obdução*. É o caso, por exemplo, do Himalaia, surgido de um choque gigantesco entre a Índia e o restante do continente asiático.

### **Pontos quentes**

Existem ainda ambientes geotectônicos que não estão ligados aos limites de placas tectônicas. Um dos casos mais interessantes é o dos chamados *hot-spots* ou *pontos quentes*, que são pontos profundos localizados abaixo do limite inferior da crosta. Nesse local, a temperatura é extraordinariamente alta, provocando a formação de uma corrente de convecção anômala com subida de material fundido do manto em um determinado local do oceano, formando uma ilha vulcânica.

Com o deslocamento da crosta oceânica sobre esse ponto quente, a saída de material sobre a crosta muda de posição, deixando um rastro de ilhas e marcando o caminho da placa desde que o primeiro vulcão se formou. Calculando a idade dos vulcões, pode-se ter uma idéia não só da direção de deslocamento da placa, mas também da velocidade desse deslocamento. O aspecto é o de um mergulhador equipado com aparelho de respiração submarina que, à medida que vai nadando sob a água, vai deixando um rastro de borbulhas explodindo à superfície. Exemplos dessas ilhas são as do Haváí.

A Tectônica de Placas representa, assim, uma evolução natural da Deriva dos Continentes, de Wegener. Teria sido impossível para Wegener a elaboração dessa concepção atual, uma vez que, em sua época, não se dispunha de aparelhos suficientemente precisos para avaliação de anomalias magnéticas e sondagens profundas dos oceanos, nem de autoclaves destinadas a experiências químicas a altíssimas pressões ou outros que permitiriam o conhecimento de fatos e fenômenos científicos

que não estavam a seu alcance. Nisso se constituiu, realmente, a genialidade de Wegener e outros precursores das grandes idéias e teorias científicas.

Os fundamentos da hipótese de Wegener continuam válidos e, um pouco modificados, representam, mesmo, as razões preponderantes da moderna teoria: a isostasia, devida à menor densidade dos continentes em relação ao magma, que foi demonstrada inclusive pelas experiências químicas de fusão de outras rochas basálticas; e o movimento devido à convecção, que constitui o motor do processo, apenas com a diferença de que o manto, hoje, é considerado como sólido por causa das altíssimas pressões ali reinantes - mas nem por isso ele deixa de movimentar-se, tal como os líquidos submetidos à ação do calor.

O deslocamento de placas inteiras sobre as quais repousam os continentes explica muito mais coisas que o deslocamento apenas destes últimos; portanto constitui uma teoria melhor que a anterior. É assim que marcha a ciência.

A cada dia antigos enigmas geológicos vêm sendo explicados como sendo conseqüência da Tectônica de Placas. Uma das mais recentes é a da formação de petróleo e de alguns outros minérios em regiões preferenciais do globo terrestre. Em artigo recente (1991), o geólogo Jack Oliver, professor da Universidade Cornell, nos Estados Unidos, levantou a interessante hipótese de que os continentes, em seu vaivém, aproximando-se e afastando-se uns dos outros, funcionariam como os tratores dos aterros de lixo, empurrando e depois recobrando com sedimentos os resíduos orgânicos e inorgânicos. Os rios constituem verdadeiros transportadores de detritos do continente para os estuários e mares litorâneos: minerais, restos de matéria animal e vegetal provenientes das florestas e outros ambientes terrestres, juntamente com sedimentos vários, constituem o “entulho” do continente, depositado junto às costas. No movimento de vaivém das placas, esse material é empurrado para junto de outro continente ficando aí enterrado em enormes quantidades e formando depósitos de milhões de anos consecutivos de acúmulo fóssil.

## SUGESTÕES DE LEITURA

Tratando-se de assunto muito recente, é escassa a literatura de divulgação a respeito da deriva dos continentes, principalmente em língua portuguesa. A grande maioria das fontes de informação utilizadas para a elaboração deste livro provém de revistas científicas norte-americanas e européias, tais como *Science*, *Nature*, *The Sciences*, *La Recherche* e outras.

Sobre os ecossistemas abissais abordados nos dois últimos capítulos, os autores desconhecem qualquer publicação. Os aspectos puramente geológicos da Deriva dos Continentes e da Tectônica de Placas estão abordados em dois livros franceses:

ALLEGRE, C. *L'écume de la Terre*. Paris, Fayard, 1983. Expositivo didática sobre a teoria de Wegener, seus debates e sua evolução até a Tectônica de Placas.

HALLAM, A. e outros. *La Dérive des Continents*. Paris, Pour la Science, 1979. Autores de várias nacionalidades descrevem a hipótese de Wegener, as provas da Deriva dos Continentes e da Tectônica de Placas. Publicado também em inglês pela Scientific American.

– Os Autores (1992). –



*Transcrição de um trecho fundamental do trabalho de Samuel Murgel Branco e Fábio Cardinale Branco extraído do livro “A Deriva dos Continentes”, Editora Moderna, 1992 Albuquerque (Coleção Polêmica) SP. Trabalho pioneiro no Brasil sobre a deriva dos Continentes, antes vista por novos conhecimentos. Espera-se que o livro seja reeditado.*

*Bibliografia recente - essencial:*

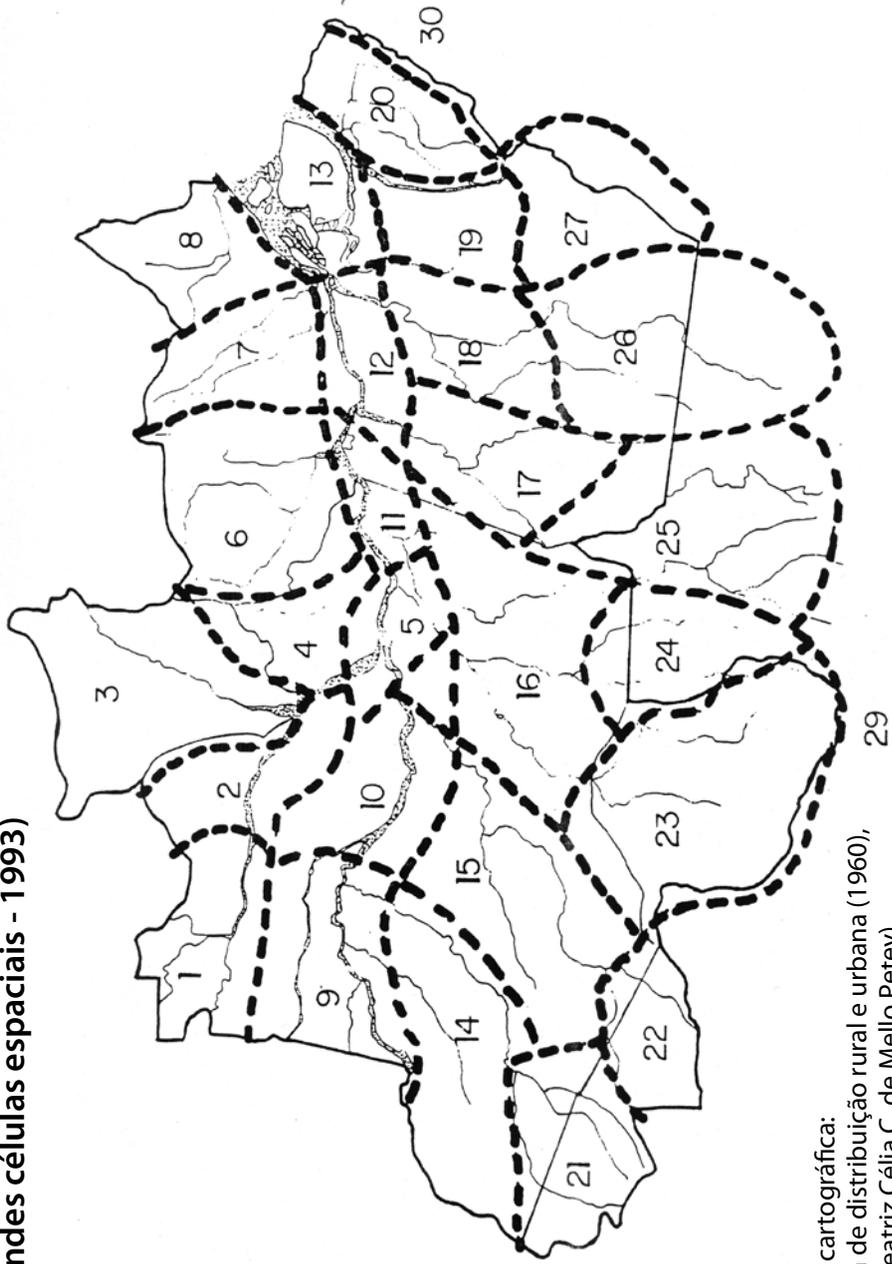
*Almeida, Fernando Flávio Marques de (2004). Geologia do Continente Sul-Americano: Evolução da Obra de Fernando Flávio Marques de Almeida. Livro organizado por Virgínio Mantesso-Neto, Andrea Bartorelli, Celso dal Ré Carneiro e Benjamim Bley de Brito Neves. [Com a colaboração científica de numerosos geólogos]. Beca Produções Culturais Ltda. São Paulo.*

## **SETORIZAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA (grandes células espaciais - 1993)**

*Base cartográfica:*

*mapa de distribuição rural e urbana (1960),  
por Beatriz Célia C. de Mello Petey.*

# SETORIZAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA (grandes células espaciais - 1993)



(Base cartográfica: mapa de distribuição rural e urbana (1960), por Beatriz Célia C. de Mello Petey).

01 Uaupés / Alto Rio Negro	16 Médio Madeira
02 Médio Rio Negro	17 Baixo Tapajós
03 Roraima	18 Baixo Xingu
04 Baixo Rio Negro	19 Baixo Tocantins
05 Baixo Rio Negro	20 Bragantina
06 Vatumã-Nhamundé	21 Acre Ocidental
07 Trombetas	22 Acre Oriental
08 Jari-Paru / Amapá	23 Rondônia
09 Alto Solimões	24 / 25 Alto Tapajós
10 Médio Solimões	26 Alto Xingu
11 Médio Amazonas	27 Alto Tocantins
12 Baixo Amazonas	28 Oeste Maranhense
13 Golfão Marajoara	29 Amazônia Mato-grossense (nt - Ne Nw)
14 Juruaá	30 Maranhão Ocidental
15 Purus	



*Título* Leituras Indispensáveis 3  
*Organizador* Aziz Ab'Sáber  
*Editor* SBPC  
*Projeto Gráfico* Ateliê Editorial  
*Editoração Eletrônica* ActaDesign  
*Formato* 16x23cm  
*Tipologia* Minion Pro  
*Papel de miolo* Certificado FSC® Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>  
*Papel de capa* Certificado FSC® Cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup>  
*Número de páginas* 104  
*Impressão e Acabamento* Rettec Artes Gráficas

